



Antologia Grega: epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)

Autor(es): Jesus, Carlos A. Martins de (trad.)

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/44712>

DOI: DOI:<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1592-9>

Accessed : 26-Oct-2021 09:02:44

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTOLOGIA GREGA

EPIGRAMAS DE AUTORES CRISTÃOS (LIVROS I E VIII)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
CARLOS A. MARTINS DE JESUS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da obra

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquírides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Nelson Ferreira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTOLOGIA GREGA

EPIGRAMAS DE AUTORES CRISTÃOS (LIVROS I E VIII)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)
Greek Anthology. Epigrams of Christian authors (books I, and VIII)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY
Carlos A. Martins de Jesus

ORCID

0000-0002-8723-690X

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt
Vendas online Online Sales
http://livrariadaimprensa.uc.pt

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

Finepaper

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1591-2

ISBN Digital

978-989-26-1592-9

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1592-9>

Depósito Legal Legal Deposit

448031/18

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, DA TECNOLOGIA
E DA INOVAÇÃO
POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2013.

© novembro 2018

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigensis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

ANTOLOGIA GREGA. EPIGRAMAS DE AUTORES
CRISTÃOS (LIVROS I E VIII)
GREEK ANTHOLOGY. EPIGRAMS OF CHRISTIAN
AUTHORS (BOOKS I, AND VIII)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Carlos A. Martins de Jesus

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade de Coimbra University of Coimbra

RESUMO

Neste volume se reúnem os dois livros de epigramas compostos exclusivamente por autores cristãos sobre temas, episódios e figuras daquela que, a partir do século IV, foi oficialmente reconhecida como a nova religião do Império. A encabeçar a *Antologia*, o livro I inclui 123 peças ditas “piedosas e divinas”, maioritariamente de poetas anónimos: dedicatórias de monumentos, invocações a Cristo ou à Virgem, epigramas ecrásticos e peças de géneros diversos. Por sua vez, o livro VIII oferece uma recolha de 254 epigramas fúnebres de Gregório de Nazianzo, um dos Padres da Igreja (Capadócia, 329-389), das quais apenas 158 são formalmente epitáfios. As restantes, subordinadas ao tema unitário da morte, têm a forma de orações de defuntos pelos parentes vivos, autorreflexões breves do autor e, a fechar o livro, a extensa série dos epigramas (mais de 40) contra os profanadores de tumbas.

PALAVRAS-CHAVE

Antologia Grega, Epigrama, Cristianismo

ABSTRACT

This volume gathers the two books of epigrams composed exclusively by Christian authors on episodes and characters of the religion that, from the fourth century onwards, became the official one of the Empire. Heading the *Anthology*, book I has 123 components said “pious and divine”, mostly by anonymous poets: dedications of monuments, invocations of Christ and the Virgin, ekphrastic and miscellaneous epigrams. As for book VIII, it offers a garland of 254 epigrams written by Gregorius of Nazianzus, one of the Church Fathers (Cappadocia, 329-389), of which only 158 are actual epitaphs. The remaining ones are given in the form of prayers to the deceased one by their living relatives, authorial self-reflexions and, closing the book, a large series of epigrams (more than 40) against tomb-desecrators.

KEYWORDS

Greek Anthology, Epigram, Christianity

AUTOR

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquilides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

AUTHOR

Carlos A. Martins de Jesus has a PhD in Classical Studies (speciality of Greek Literature) by the University of Coimbra, and is currently working on a postdoctoral research founded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia, on the *Greek Anthology* (transmission and translation). He has a large record of published works, both books and papers in periodical publications, mostly devoted to Greek poetry and its translation into Portuguese. He is the author of the Portuguese translation of several Greek authors' works (Archilochus, Bacchylides, Aeschylus, and Plutarch, among others), besides working continuously on classical theatre direction, both in Portugal and Spain.

Volume editado no âmbito do Pós-doutoramento em Estudos Literários financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP e pelo POPH.

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1. A <i>Antologia Grega</i>	11
2. Epigramas dos autores cristãos (livro I)	14
3. Florilégio de Gregório de Nazianzo (livro VIII)	16
BIBLIOGRAFIA	21
EPIGRAMAS DE AUTORES CRISTÃOS (LIVRO I)	23
EPIGRAMAS DE S. GREGÓRIO TEÓLOGO (LIVRO VIII)	69
ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS	148

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

1. A *ANTOLOGIA GREGA*

Parece remontar ao século IV a.C. o hábito de organizar antologias poéticas de um só autor – de que são exemplo as diversas *Simonidea* de que há notícia, com um conjunto de inscrições atribuídas ao poeta de Ceos, não necessariamente da sua lavra, muitas delas sequer suas contemporâneas. A prática ganharia um desenvolvimento mais evidente durante o século III a.C., quando os próprios poetas terão passado a organizar coletâneas das suas composições, que assim conseguiam maior divulgação – Ânite, Asclepiades, Calímaco ou Posidipo são disso exemplos. A verdade é que o epigrama deixara, há um século pelo menos, de ter como funcionalidade exclusiva a sua inscrição na pedra. Chegados ao século III a.C., a sua vertente ficcional, com os mais diversos temas e propósitos, tinha já ascendido à categoria de género literário, cedo se transformando na forma poética de eleição para a maioria dos autores. Tanto que a reunião antológica de epigramas de diversos autores, como bem explica Alan Cameron (1993: 4), mais do que uma opção, terá sido uma consequência inevitável.

A *Antologia Grega*, vulgarmente conhecida como *Antologia Palatina* devido ao principal manuscrito que no-la transmitiu, consiste nas edições modernas num vasto conjunto de epigramas em diversos metros, ainda que maioritariamente em dísticos elegíacos, organizado em dezasseis livros, e que perfaz a impressionante soma de mais de quatro mil componentes poéticos. Trata-se, inegavelmente, do maior florilégio poético conservado

em língua grega, recolhendo poemas de um vastíssimo lapso temporal, que na realidade cobre todos os períodos tradicionais da cultura Grega (arcaico, clássico, helenístico e bizantino). Transmitida essencialmente por dois códices, o chamado *Palatinus* (*Palatinus Graecus* 23 + *Parisinus Graecus Suppl.* 384 = **P**) de finais do século X e o autógrafo do século XIV de Máximo Planudes (*Marcianus Graecus* 481 = **PI**), depende maioritariamente de uma antologia epigramática que não conservamos, organizada por Constantino Céfalas nos inícios do século X, a qual terá reproduzido, sem muitas alterações (tal qual uma edição revista e aumentada), o anónimo copista de **P**. Céfalas, que provavelmente foi protopapa de Constantinopla, teria recuperado um conjunto de florilégios anteriores do epigrama grego, recorrendo sobretudo aos que organizara Meleagro (inícios do século I a.C.), Filipo (século I) e Agátias (século VI), aos quais acrescentou epigramas de outras fontes¹, organizados temática e alfabeticamente.

Dizíamos antes que não é por acaso que mais comumente se conhece a *Antologia Grega* como *Antologia Palatina*. Se é certo que, desde o século XVIII, com as edições de Reiske (1754), Brunck (1772-1776) e Jacobs (1794-1814), é **P** a principal fonte de organização e edição da *Antologia Grega*, durante mais de três séculos e desde a sua *editio princeps*, pela mão de Láscaris (1494), foi a recensão de Planudes a única conhecida e divulgada. Apenas em 1606 Saumaise, que teria descoberto uma cópia do *Palatinus* num códice do séc. XI, começa a copiar os epigramas

¹ Além dos três florilégios principais, que desde logo nos permitem a transmissão de epigramas de um vastíssimo lapso temporal, tem-se como muito provável o uso direto de antologias pessoais de poetas com ampla presença na *Antologia*, como já referíamos, como sejam Estratão (livro XII), Páladas, Rufino ou Leónidas, além de recolhas autorais como os *Simonidea*, os *Anacreontea* ou coletâneas sobre Homero, por exemplo.

que faltavam à já conhecida *Antologia de Planudes*, não levando no entanto a bom porto o projeto da sua edição completa. A atual organização em dezasseis livros tematicamente organizados de epigramas depende da edição de Dübner (1846-1877)², que pela primeira vez incluía num 16º livro os componentes apenas colacionados por Planudes, ausentes de toda a tradição manuscrita de **P**.

No que a traduções completas e sistemáticas diz respeito, até à data contamos com as seguintes edições bilíngues: a francesa da coleção Budé (Paris, Les Belles Lettres, 13 vols., 1929-1980), a inglesa de R. Paton (1916-1918, 5 vols., London, William Heinemann Ltd.), a alemã de H. Beckby (1957-1965, 4 vols., München) e as duas italianas de F. M. Pontani (1978-1981, 4 vols., Torino, Einaudi) e M. Marzi (2005-2011, 3 vols., Torino, UTET). Se, por um lado, são de grande utilidade os volumes da *Antologia* da coleção Budé, sobretudo pela extensão dos seus aparatos e das notas de pé de página e complementares – além de ter em marcha um processo de atualização de alguns livros pela inclusão sistemática da lição de algumas *syllogae minores* –, o texto-base da nossa tradução é o que consta dos dois volumes da edição de Beckby (1957-1965), sempre que possível confrontado com as edições (por autores) de Gow-Page (1965, 1968) e Page (1981). É propósito da presente série lograr, a médio-prazo, uma tradução completa em Português da *Antologia*, acompanhada das explicações mínimas necessárias a um leitor não familiarizado com a língua grega, sob a forma de introduções e notas de rodapé.

Neste volume se reúnem os dois livros de epigramas que, além da autoria de autores cristãos – realidade que perpassa, por

² À segunda edição da *Anthologia Graeca* de Jacobs (²1813-1817) se deve, na realidade, a primeira numeração dos poemas exclusivos da tradição *Planudea*, editados em apêndice à referida edição, pelo que é sua, em rigor, a *editio princeps* desses textos enquanto livro autónomo.

razões cronológicas, ambas as recolhas do *Palatinus* e de Planudes –, versam propositadamente sobre temas, episódios e figuras daquela que, a partir do século IV, foi oficialmente reconhecida como a nova religião do Império. Dois livros que, não tendo integrado a recolha de Céfalas, o primeiro organizador de **P** quis ainda assim que fossem uma mostra da produção epigramática cristã em língua grega, em especial a mais breve. As referências cronológicas, a menos que o contrário se indique, são posteriores a Jesus Cristo. As abreviaturas dos livros da Bíblia seguem a edição da *Bíblia dos Capuchinos* (Difusora Bíblica, ⁴2003).

2. EPIGRAMAS DOS AUTORES CRISTÃOS (LIVRO I)

O escriba A do *Palatinus*³ teve por bem abrir a sua antologia epigramática com 123 peças ditas “piedosas e divinas” (*eusebe te kai theia*), da autoria de poetas cristãos, na maioria anónimos, que versam sobre distintas figuras, episódios e temas das Escrituras.

A organização dos componentes obedece a uma ordem lógica. Os primeiros 18 epigramas constituem dedicatórias de monumentos em Constantinopla ou nos arredores da capital; seguem-se invocações a Cristo ou à Virgem (núms. 19-31), outro conjunto de epigramas descritivos ou eufrásticos (núms. 32-94) e, por fim, um grupo ainda vasto de peças de géneros diversos (núms. 95-123), entre as quais se podem encontrar mais poemas eufrásticos (núms. 97-99, 106-115), dedicatórias de oferendas (núms. 95, 116), meditações (núms. 102, 118) ou hinos (núms. 120-121). Merece destaque, dentro do terceiro grupo identificado (núms. 32-94), um conjunto especial de peças (núms. 37-39), à exceção dos núms. 51 (1 verso) e 88 (3 versos) todas

³ Da sua mão estão escritos os fólhos 51-61 (= núms. 1.10.30 a 116), sendo os fólhos 49-50 e 62-63 da responsabilidade do escriba J.

elas dísticos (maioritariamente elegíacos). Sobre estas, pensa-se que seriam, originalmente, as legendas de pinturas ou ícones de episódios da Bíblia, copiadas por algum viajante erudito e incluídas, essas notas, na fonte manuscrita depois utilizada pelo escriba A, o responsável pela cópia e pelos *lemmata* da grande maioria dos epigramas⁴.

Esta questão da origem epigráfica dos componentes do livro I (ou pelo menos da sua inscrição em algum suporte material)⁵ não pode, no entanto, ser resumida de forma tão simples. Sobretudo para o caso das composições mais longas da coleção – poucas, é certo. A propósito, um escólio ao verso 69 do núm. 10 informa que quatro fragmentos desse longo poema, uma écfrase da Igreja de São Polieucto – já em meados do século VI considerada por alguns a maior basílica de Constantinopla – estariam gravados em quatro colunas que ornamentavam o templo. Assim, é de assumir que, nestes casos mas também nos de algumas peças mais curtas, houvesse pelo menos uma base epigráfica inicial que, depois de colhida, tivesse em algum momento sido adaptada, ampliada ou mesmo corrigida pela mão de algum poeta epigramático.

Finalmente, a datação destes epigramas, como é comum na *Antologia Grega*, não é tarefa fácil. À parte a atribuição de alguns componentes a poetas em concreto que conseguimos datar no tempo (vd. o Índice de Epigramatistas, no final do volume),

⁴ Isso explicaria, segundo Waltz (1929, repr. 2002: 9 e n. 4) o número e extensão dos *lemmata* copiados em **P** (os quais, regra geral, esta edição traduz).

⁵ Waltz (1929, repr. 2002: 5 e n. 3) chegou a pensar que todos os componentes do grupo que considerámos legendas de retratos ou ícones, esses pelo menos, proviessem de um mesmo templo ou mesmo de um códice iluminado que editasse ambos os Testamentos, opção que o mesmo considerou descartada pela menção, pontual, da origem geográfica de algumas peças. Esse o caso do núm. 1.50, cujo lema identifica como proveniente de Éfeso.

apenas as alusões a alguns monumentos (ou ao seu restauro) nos permitem não chegar a uma data, mas como muito a um *terminus post quem* para algumas peças. E, ainda assim, as referências pontuais levam a um lapso temporal vasto, entre o séc. IV e o séc. IX, pelo menos. Estes dados, quando disponíveis, são brevemente explicados nas notas à tradução. Seja como for, e tal como sucede com os componentes do livro VIII, de Gregório de Nazianzo, estes epigramas são um excelente testemunho das práticas cristãs do mundo bizantino, ao mesmo tempo que iluminam, desde logo pela brevidade e simplicidade da sua grande maioria, os níveis mais elementares de convivência entre os temas e as formas cristãs e pagãs.

3. FLORILÉGIO DE GREGÓRIO DE NAZIANZO (LIVRO VIII)

Os 254 epigramas que formam o livro VIII da *Antologia Grega* – na verdade 256 peças, contando os duplos núms. 67 e 85 – ocupam os fólhos 325-357 de **P** e, à semelhança dos que compõem o livro I, tampouco constariam da recolha original de Céfalas. Parcialmente copiados, com alteração da sua ordem, em numerosos manuscritos⁶, não consta nenhum deles da tradição manuscrita de **Pl**.

Trata-se de uma recolha – não do conjunto original, que seria ainda mais vasto⁷ – de composições de Gregório de Nazianzo, um dos Padres da Igreja (Capadócia, 329-389), relacionadas todas elas com o género fúnebre, mas das quais apenas 158 são

⁶ Para a lista e descrição dos principais manuscritos, membros de outra família que não a do *Palatinus*, vd. Waltz (1945, repr. 2002: 5-10).

⁷ O título do livro em **P**, da mão do copista A, refere epigramas *ek ton epon tou agiou Gregorion tou Theologou* (“dos versos de S. Gregório Teólogo”), denunciando tratar-se de extratos, não da totalidade da sua obra epigramática, de vastidão incalculável se pensarmos na quantidade de obras escrita pelo autor.

formalmente epítáfios (núms. 1-74, 77-78, 85-104 e 106-165). As restantes, subordinadas ao tema unitário da morte, têm a forma de orações de defuntos pelos parentes vivos (núms. 75-76), autorreflexões breves do autor (núms. 77-84) e, em grande número e a fechar o livro, a extensa série dos epigramas contra os profanadores de tumbas (*tymborychia*), num total de mais de 40 peças (núms. 104, 170-172, 176-254). Se há que buscar uma organização coerente destes epigramas, dir-se-ia que a primeira parte (núms. 1-165, com exceção do núm. 105) versa sobre um ou vários defuntos em concreto, ao passo que os restantes (núms. 166-254) tratam, de maneira impessoal, de um assunto mais geral. É o caso dos ataques aos profanadores, a maioria das peças deste segundo grupo, mas também da condenação do carácter orgiástico que ganharam as celebrações dos Mártires (núms. 166-172, 174-175), escândalo contra o qual o bom Gregório não pode deixar de advertir⁸.

Uma leitura completa do livro VIII dificilmente evita a sensação de monotonia, na medida em que um conjunto não muito vasto de temas – há que dizê-lo – é repetido à exaustão. As qualidades morais do defunto, os detalhes da sua morte, a família que deixa, o ataque à heresia de quantos transformaram os templos dos Mártires em salas de banquete regadas de vinho e prazeres, ou a quantos roubam o ouro e até o mármore de túmulos alheios para uso próprio, a par de detalhes biográficos específicos de cada defunto. A outro nível, dita sensação de monotonia decorre do extenso número de peças dedicadas a cada defunto ou aos dois últimos coletivos. Gregório, que confessa o gosto quase obsessivo por celebrar poeticamente os mortos com

⁸ Assunto frequente na sua restante obra (cf. *Orat.* 11.5; *Carm.* 2.1.7, vv. 67-68), a que o próprio Santo Agostinho não foi indiferente. Sobre o assunto, vd. Rebillard (2002).

o afeto que a eles o une⁹, compõe sucessivos epitáfios para os membros da sua família mais chegada – o pai Gregório, a mãe Nona, os irmãos Cesário e Gorgónia, falecidos demasiado cedo e, pior, antes de seus pais, mas também o cunhado Alípio – e amigos – Basílio e a sua família (Emélia, Macrina, Teosébia e Naucrátio), Martiniano, entre outras figuras da elite religiosa e política da Capadócia da segunda metade do século IV.

Não cabendo aqui um excuro demorado acerca da biografia de cada uma destas e outras figuras celebradas pelo poeta – desde logo na medida em que as poucas informações decorrentes da leitura dos epigramas bastam para compreender (justificar pelo menos) as relações que os uniam a Gregório –, importa sim retomar o assunto da repetição na coletânea, desta feita de outro prisma. Em pouquíssimos casos apenas um defunto recebe um só epitáfio. Os exemplos mais flagrantes são os da mãe Nona, exemplo de mulher piedosa que, após converter o marido, o Gregório-pai que chegou a bispo, e educar os filhos na pura observância dos ensinamentos de Cristo, morreu em plena igreja quando estava a rezar, detalhe repetido à exaustão na medida em que, não chegando a ser considerado um milagre, é bom exemplo da recompensa que constituiu a morte para os seres de Deus. A ela vão dedicados os núms. 24-74, como ao pai dedica os núms. 12-23 ou ao irmão Cesário os núms. 85-100. Outros dois casos dignos de menção são os de Basílio (núms. 2-11, com os núms. 156-158, 161-164, sobre familiares seus), o bispo de Cesareia seu companheiro de formação e como ele Padre Capadócio da Igreja, ou o de Martiniano (núms. 8.104, 106-117), magistrado e procônsul próximo dos imperadores, também ele igual exemplo de virtude.

Perante tal frequência de composições sobre algumas figuras, cabe perguntar até que ponto é suficiente a explicação afetiva

⁹ Cf. núm. 30.6 (“Por isso em tantos epigramas te louvei, mãe!”).

dada pelo próprio e, a outro nível, o que podem estes dados comunicar acerca da inscrição real destas peças em contexto funerário. Se, por um lado, não é prudente aceitar que todas elas conheceram forma inscrita, convém no entanto lembrar as características dos próprios monumentos fúnebres da época, construções quadriláteras cuja torre podia elevar-se a vários metros de altura, de tamanho e sumptuosidade relativas, dependendo da importância dos defuntos a albergar¹⁰. Assim, mais do que um epitáfio podia de facto ser gravado nas distintas paredes do túmulo, na abside ou nas colunas, tanto externas como internas, pelo que tampouco podemos, sem mais, buscar um epitáfio que tenha sido inscrito e considerar os restantes exercícios poéticos sobre esse modelo. A este respeito, o caso dos epigramas contra os profanadores de tumbas pode uma vez mais ter algo que dizer¹¹. Em muitos casos, eles poderiam estar gravados não no próprio túmulo, mas em estelas posteriormente acrescentadas, encomendadas por uma família que temesse a profanação do seu monumento. Nada disto invalida, naturalmente, que algumas peças – talvez mesmo a maior parte – fossem exercícios literários de Gregório, como se disse um particular aficionado do género e que, como tal, buscaria a cada momento aperfeiçoá-lo¹².

¹⁰ Desde logo segundo a descrição do próprio Gregório no núm. 185 (vv. 1-2).

¹¹ Os tópicos deste subgénero epigramático, os seus modelos epigráficos seguros e o tratamento poético que recebem da parte de Gregório são alvo do estudo de Floridi (2013).

¹² Em alguns casos, todos eles do grupo dos epigramas contra os profanadores, deteta-se a repetição das mesmas palavras na abertura de dois poemas distintos (e.g. núms. 224 e 239, 226 e 227, 229 e 233), o que poderia denunciar que, para sepulturas distintas, Gregório utilizara uma mesma fórmula, depois variada, e sugerir algo próximo a uma produção em série. Esta a explicação proposta por Waltz (1945, repr. 2002: 25), não tão *ingénua* como acredita Floridi (2013: 79, n. 63), para quem todos os epigramas do livro VIII são exercícios literários que nunca conheceram inscrição real.

Cristão de profunda formação clássica, os autores gregos e a sua mitologia ocupam uma posição importante em toda a obra de Gregório, e também nestes epigramas do livro VIII. Notam-se, as influências de Homero¹³, principalmente, mas também de Píndaro ou Teócrito¹⁴, entre outros. A alusão às velhas lendas da Idade do Ouro, de Tântalo, Orfeu, Dédalo, Hércules ou Níobe, mas também à geografia e onomástica do Hades, do Érebo ou do Tártaro, a par da menção quase formular de Témis e Dike (a Justiça), Eros, as Musas, Graças, Moiras ou Erínias, poderiam parecer um abuso de classicismo da parte de um representante da mais profunda ortodoxia cristã do séc. IV, não fosse verdade que, ao seu tempo, o paganismo já não constituía um problema real e se havia cingido sobretudo à categoria de adorno estético tolerado pela Igreja ortodoxa.

¹³ E.g. núms. 13.4, 15.3, 26.1, 50.1, 82.2, 86.3, 116.1, 130.1, 152.3, etc.

¹⁴ E.g. núm. 129 (apud Teócrito, *Idílios* 7.37 ss.) e 220 (apud Píndaro, *Olímpicas* 7.119 ss.).

BIBLIOGRAFIA

- Beckby, H. (1957-1965), *Anthologia Graeca*. Band 1, Buch I-VI, 1957; Band 2, Buch VII-VIII, 1957; Band 3, Buch IX-XI, 1958; Band 4, Buch XII-XVI. München.
- Brunk, Ph. (1772-1776), *Analecta veterum poetarum graecorum*. 3 vols., Strasburgo.
- Cameron, A. (1993), *The Greek Anthology. From Meleager to Planudes*. Oxford, Oxford University Press.
- Delehaye, H. (1896), “Une épigramme de l’*Anthologie Grecque* (I, 99)”, *REG* 9.34: 216-224.
- Dübner, F. (1846-1877), *Epigrammatum Anthologia Palatina cum Planudeis et appendice nova epigrammatum veterum ex libris et marmoribus ductorum*. Paris, Firmin-Didot.
- Floridi, L. (2013), “The epigrams of Gregory of Nazianzus against tomb desecrators and their epigraphic background”, *Mnemosyne* 66: 55-81.
- Gow, A. S. F., Page, D. L. (1965), *The Greek Anthology. Hellenistic Epigrams. Vol. I Introduction, text, and indexes o sources and epigrammatists; Vol. II Commentary and indexes*. Cambridge.
- Gow, A. S. F., Page, D. L. (1968): *The Greek Anthology: the Garland of Philip*. 2 vols.
- Jacobs, Fr. (1794-1814), *Anthologia graeca sive poetarum graecorum lusus ex recensione Brunckii*. 5 vols. (+ 7 comm.), Leipzig.
- Jacobs, Fr. (1813-1817), *Anthologia graeca ad fidem codicis olim Palatinui, nunc Parisini ex apographo gothano edita*. 3 vols., Leipzig.
- Láscaris, J. (1494), *Anthologia graeca Planudea*. Florença.
- Lourenço, F. (2016), *Bíblia. Volume 1. Novo Testamento. Os quatro Evangelhos*. Lisboa.

- Marzi, M., Conca, F., Zanetto, G. (2005-2011), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VII, 2005; vol. 2, libri VIII-IX, 2009; vol. 3, libri XII-XVI, 2011. Torino.
- Page, D. L. (1981), *Further Greek Epigrams. Epigrams before A.D. 50 from the Greek Anthology and other sources, not included in 'Hellenistic Epigrams' or 'The Garland of Philip'*. Cambridge.
- Paton, W. R. (1916-1918), *The Greek Anthology*. 5 vols. London/New York.
- Pontani, F. M. (1978-1981), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VI, 1978; vol. 2, libri VII-VIII, 1979; vol. 3, libri IX-XI, 1980; vol. 4, libri XII-XVI, 1981. Torino.
- Rebillard, E. (2002), "Violations de sépulture et impiété dans l'Antiquité tardive". In L. Mary, M. Sot (éds.), *Impies et païens entre Antiquité et Moyen Âge*. Paris: 65-80.
- Reiske, J. (1754), *Anthologiae graecae a Constantino Cephala conditae libri tres*. Leipzig.
- Waltz, P. (1925), "Notes sur les épigrammes chrétiennes de l'Anthologie Grecque (Anth. Pal., I, 9, 48, 94, 106, 120-121)", *Byzantion* 2: 317-328.
- Waltz, P. (1929, repr. 2002), *Anthologie Grecque. Tome I. Anthologie Palatine Livres I-IV*. Paris.
- Waltz, P. (1945, repr. 2002), *Anthologie Grecque. Tome VI. Anthologie Palatine, livre VIII*. Paris.

EPIGRAMAS DE AUTORES CRISTÃOS

ANTOLOGIA GREGA I

(Página deixada propositadamente em branco)

1. ANÓNIMO

No dossel do altar de Santa Sofia.

As imagens que daqui retiraram os hereges¹⁵,
os piedosos soberanos as restabeleceram.

2. ANÓNIMO

Nas absides das Blaquernas¹⁶.

O divino Justino, esposo de Sofia¹⁷, a quem Cristo concedeu
restaurar a ordem universal, e glória militar,
vendo como cambaleava o templo da Mãe Imaculada,
derrubou os escombros e sólido o reconstruiu.

3. ANÓNIMO

Sobre o mesmo, no mesmo sítio

Justino, o primeiro, este templo magnífico ergueu
para a Mãe de Deus, brilhante de resplendor.
E Justino o Jovem, o que reinou depois dele, um brilho
ainda maior que o seu antecessor lhe concedeu.

¹⁵ Deve querer significar “iconoclastas”. Sabemos que ditas imagens foram restituídas sob a forma de mosaicos por Basílio I, imperador entre 867-876.

¹⁶ Igreja do subúrbio de Constantinopla.

¹⁷ Justino II (e a imperatriz Sofia), imperador do oriente entre 565-578.

4. ANÓNIMO

Sobre a igreja do Precursor¹⁸, perto do mosteiro de Estúdio¹⁹

A João, o grande servidor de Cristo, este templo
sagrado ergueu Estúdio. Em pouco tempo obteve
o prémio das suas obras, ao receber a faixa consular²⁰.

5. ANÓNIMO

*Sobre a igreja do santo apóstolo Tomás, na propriedade de
Amâncio²¹*

Este templo ergueste a Deus, Amâncio, no meio do mar²²,
enfrentando-te às vagas de muitos remoinhos.
Nem o Noto nem o Bóreas²³ agitarão o teu palácio augusto,
ele que protege este templo de divino acento.
Possas tu viver larga vida! Tu, que lançando-te ao mar
à Nova Roma²⁴ concedeste brilho ainda maior.

¹⁸ S. João Batista.

¹⁹ O mosteiro de Estúdio (abreviatura para *Hagios Ioannes Prodromos en tois Stoudiou*), foi fundado em 462 pelo côsul com o mesmo nome, um patricio romano que se estabelecera em Constantinopla, e foi consagrado a S. João Batista.

²⁰ Não temos informação a propósito de quando foi concedida esta honra consular a Estúdio, ele que, pela sua oposição à iconoclastia, foi alvo da animosidade de vários imperadores.

²¹ Provavelmente, mestre de ofícios e mordomo de câmara de Teodósio II (408-450).

²² Parece haver confusão com a localização do Quebra-mar de S. Tomás, esse sim na costa.

²³ Respetivamente, os ventos do sul e do norte.

²⁴ Designação frequente para a Constantinopla bizantina.

6. ANÓNIMO

Sobre a igreja de S. Teodoro²⁵, na propriedade de Esforácio²⁶

Esforácio, escapando às chamas, este templo ergueu a um mártir.

7. ANÓNIMO

Sobre a mesma, onde este epigrama foi encontrado

Esforácio! Quando vivias, por pagar teus cuidados de amigo se esforçava Antólio, o teu sobrinho. Agora que morreste, presta-te sempre homenagem honrosa, e por isso outra honra²⁷ te concedeu e te ergueu neste templo, obra tua.

8. ANÓNIMO

Sobre a igreja dos santos apóstolos Pedro e Paulo perto de S. Sérgio, no bairro de Hormisdas²⁸

Para honrar a Cristo, rei universal, pelas suas obras, este templo muito ilustre Justiniano ergueu a Pedro e Paulo – dando graças aos Seus servidores

²⁵ Teodoro de Amaseia, martirizado em Constantinopla no início do séc. IV. Chegou a ter 15 igrejas a si dedicadas na capital, além de ser venerado na Síria, Palestina e Ásia Menor.

²⁶ Cônsul em 452, mandara erguer esta igreja na capital, a norte de Santa Sofia e do Hipódromo.

²⁷ Pode tratar-se de um túmulo ou estátua a Esforácio, de que o epigrama devia ser a inscrição.

²⁸ Hormisdas era um príncipe persa que se refugiara em Constantinopla durante o reinado de Constâncio II (337-361). O bairro que recebeu o seu nome situava-se a sudoeste do Hipódromo, na direção do mar.

ao mesmíssimo Senhor se concede honra gloriosa.
 Há aqui proveito para a alma e para os olhos:
 que pelas preces cada um alcance quanto deseja,
 alegre por ver a beleza e o esplendor do edifício.

9. ANÓNIMO

Sobre a igreja do Arcanjo²⁹ em [Botrepto³⁰]

Também esta muito celebrada obra se deve aos teus esforços,
 ó habilidoso Genádio³¹, tu que de novo nos mostraste o templo
 de beleza extrema desse comandante da armada dos anjos.

10. ANÓNIMO

Sobre a igreja do santo mártir Polieucto³²

A imperatriz Eudócia³³, com o intuito de honrar a Deus,
 ergueu primeiro um templo a Polieucto, profeta de Deus.
 Mas não grande e belo como agora é; não para poupar,
 ou por falta de riquezas – que falta afinal a um rei? –,
 mas porque tinha uma alma profética, já que deixou 5
 descendência capaz de o ornar da melhor maneira.

²⁹ S. Miguel.

³⁰ Localidade não identificada.

³¹ Patriarca de Constantinopla entre 458-471. O poeta elogia o financiador da Igreja.

³² Polieucto era um rico oficial do exército romano (m. 259) que foi martirizado primeiramente em Mitilene, sob o domínio de Valeriano. As escavações realizadas *in situ* na década de 60 do séc. XX demonstraram que, ao tempo da subida ao trono de Justiniano I (527), esta basílica era a maior de Constantinopla, patenteando uma impressionante riqueza.

³³ Esposa de Teodósio II, imperador entre 408-450. Vd. infra, num. 1.105, com a nota ao lema.

Por isso Juliana³⁴, centelha de seus abençoados pais,
 herdando deles o sangue real, já na quarta geração³⁵,
 não defraudou as expetativas da rainha, mãe de nobre casta,
 e de pequeno que era o tornou assim grande e belo, 10
 aumentando a glória dos antepassados de muitos cetros;
 tudo o que fez, fê-lo superior ao que fizeram seus pais,
 observando a fé verdadeira de um espírito devoto a Cristo.
 Quem não ouviu falar de Juliana, ela que, por via de obras
 admiráveis, fez resplandecer até os seus antepassados 15
 com o zelo da sua graça? Sozinha, com virtuoso esforço,
 ergueu este templo que é digno do imortal Polieucto;
 pois sempre aprendeu a oferecer presentes sem mácula
 a todos os atletas³⁶ do Senhor que habita nos céus.
 Cada terra, cada cidade proclama que o esplendor 20
 dos antepassados ela acrescentou com obras superiores.
 Onde pode dizer-se que Juliana não ergueu aos santos
 um templo glorioso? Onde não podem ver-se os sinais
 da tua mão bem-aventurada, e da tua mão apenas?
 Que país existe que não aprendeu que o teu espírito 25
 é todo cheio graça? Os habitantes da terra inteira
 cantam as tuas obras, que para sempre serão lembradas.
 Pois as obras da piedade não se ocultam; nem o olvido
 faz esmorecer os trabalhos das virtudes de nobre esforço.
 Quantas as mansões que a tua mão dedicou a Deus, 30
 nem tu mesma o saberias; pois apenas tu, bem o sei,

³⁴ Juliana dedicou o templo de S. Polieucto, em Constantinopla, entre 524-527, o que, na verdade, constituía já uma refundação.

³⁵ Juliana era filha de Aníxio Olíbrio e Placídia; a última era filha de Valentiano III e Licínia Eudócia, por sua vez filha de Teodósio II e Élia Eudócia, a primeira imperatriz referida no epigrama.

³⁶ Metáfora desportiva para designar os Mártires – a quem terá mandado erguer diversas igrejas –, frequente, por exemplo, nos epigramas de Gregório de Nazianzo do livro VIII.

inumeráveis templos pela terra inteira mandaste erguer,
 temerosa sempre dos servos de Deus que estão no céu.
 Seguindo com seus esforços piedosos as pegadas todas
 de seus pais, a fama da sua raça ela tornou imortal, 35
 percorrendo sempre e até ao fim o caminho da piedade.
 Por isso todos vós, servos do Senhor que habita nos céus,
 a quem ela deu presentes ou por quem ergueu templos,
 conservai-a com alegria, junto com o filho e as filhas!
 E que resista a glória infinita desta muito generosa família, 40
 enquanto o sol conduzir a sua carruagem brilhante de fogo.

À entrada da mesma igreja, da parte de fora do vestibulo, no sentido da abside

Que coro bastará para cantar os esforços de Juliana,
 ela que, após Constantino, embelezador da sua Roma,
 após o santo e todo em ouro olhar de Teodósio
 e a linhagem real de tão grandes antepassados, 45
 completou obra digna da sua família e sublime
 em poucos anos?³⁷ Ela, que sozinha derrotou o tempo
 e superou a sabedoria do celebrado Salomão, ao erguer
 um templo grato a Deus, cujo esplendor bem cinzelado
 nem um século imenso de graças poderia celebrar? 50
 Como se eleva dos alicerces de profundas raízes,
 erguendo-se do solo em busca das estrelas do céu!
 Como se estende, movendo-se de oriente para ocidente,
 brilhando debaixo dos raios indizíveis de Faetonte³⁸,
 de um e outro lado! De ambos os lados da ala central, 55

³⁷ O escoliasta informa, neste ponto, que a obra ficou concluída em apenas três anos.

³⁸ O sol.

colunas que se erguem sobre outras colunas inabaláveis
sustentam os raios de uma cúpula de teto dourado,
e as abóbadas dos dois lados, difusas pelas absides,
reproduzem a luz sempre em movimento da lua.
As paredes do lado oposto, em caminhos infindáveis, 60
estão adornadas com prados divinos de metais preciosos,
cujo brilho, fazendo-os florir das profundezas da rocha,
a natureza ocultou e reservou para as mansões de Deus,
presente de Juliana, para que cumprisse as obras divinas
feitas em obediência aos mandamentos puros do seu coração. 65
Algun poeta, movendo o passo rápido ao sabor das brisas
do Zéfiro³⁹, sempre que dotado de uma centena de olhos,
abarcará os variegados artificios da técnica dos dois lados,
vendo dois edificios que lampejam à volta, um após o outro,
para então ver a esplêndida criação dos sagrados pincéis 70
sobre o arco do pórtico – o muito sábio Constantino;
como evitando os ídolos ele derrotou a fúria do paganismo
e achou a luz da Trindade, purificando o corpo pela água⁴⁰.
Esta a obra que Juliana, após incontável enxame de outras,
completou em memória da alma dos seus antepassados, 75
para a sua vida, a dos vindouros e a dos contemporâneos.

³⁹ O vento do oeste, considerado o mais propício e cedo usado com esse sentido geral.

⁴⁰ Um retrato de Constantino I estaria pintado sobre o pórtico de entrada, celebrando a conversão oficial do Império ao Cristianismo.

11. ANÓNIMO

Para os santos Anargiros⁴¹, no bairro de Basilisco

Aos teus servos eu, a tua serva Sofia⁴², ofereço este presente. Recebe, Cristo, o que te é devido, e ao meu imperador Justino concede a recompensa da vitória sobre as doenças e sobre os bárbaros.

12. ANÓNIMO

Sobre Santa Eufêmia⁴³, de Olíbrio⁴⁴

Sou a casa da Trindade, e três gerações me ergueram: primeiro, ao escapar às guerras e às tribos dos bárbaros, ergueu-me e dedicou-me a Deus, resgate das aflições, Eudócia, filha de Teodósio⁴⁵. Depois dela, adornou-me a sua filha, Placídia, junto com o esposo abençoado; depois, como se de esplendor fosse falha a minha beleza, a generosa Juliana⁴⁶ em memória de seus pais mo concedeu, elevando às alturas a reputação da mãe, do pai e da ilustre mãe de sua mãe, e aumentando o meu antigo decoro com obra nova.

⁴¹ S. Cosme e S. Damião, físicos que a tradição diz que recusavam pagamento dos doentes que se convertessem ao Cristianismo.

⁴² Vd. supra, 1.2.1 com nota.

⁴³ Mártir da Calcedónia (289-304).

⁴⁴ A igreja em causa foi começada por Licínia Eudócia (vd. nota seguinte) e concluída por este Olíbrio, sobre quem pouco mais se sabe.

⁴⁵ Licínia Eudócia, viúva de Valentiniano III, imperador romano do Ocidente entre 425 e 455. Não confundir com Élia Eudócia (supra, 1.10.1, com nota; 1.105, com nota ao lema), a esposa de Teodósio II, imperador contemporâneo do oriente em cuja dependência, na verdade, permaneceu o império de Valentiano.

⁴⁶ Vd. supra, 1.10.7-8, com notas.

13. ANÓNIMO

Sobre a mesma igreja, dentro da galeria

Adorável beleza tinha já no passado, mas ao aspeto
de antes novo esplendor agora se acrescentou.

14. ANÓNIMO

Outro

Assim, depois da mãe e da avó, a minha velhice
restaurou Juliana, e agora possuo novo encanto.

15. ANÓNIMO⁴⁷

Outro

Havia algo mais belo que a beleza, já que a minha arte,
antes mesmo de ser célebre e cantada por toda a terra,
a um esplendor superior à sua antiga beleza a elevou
Juliana, de maneira que agora rivaliza com as estrelas.

16. ANÓNIMO

Outro

Da própria mártir, a matrona deste templo,
dispôs Juliana para inspirar os seus obreiros.

⁴⁷ Os núms. 15, 16 e 17 não devem ter constituído inscrições, antes variações literárias sobre os epigramas anteriores.

Ou tão bela e grande obra não teria logrado,
desta forma repleta de resplendor celestial.

17. ANÓNIMO

Outro

Não mais te espante a glória dos antigos, que por sua arte
reputação sem fim legaram aos vindouros! Esse o caso
da glória da sapientíssima Juliana, que pelas suas obras
venceu as mais laboriosas obras dos homens de outrora.

18. ANÓNIMO

*Sobre um divã (?)...*⁴⁸

Sou o *círculo* admirável de admirável Agatonice
[*faltam os versos 2-5*].

Ela me consagrou ao imaculado mártir Trófimo⁴⁹.

⁴⁸ Epigrama e lema estão ambos mutilados, pelo que não é claro de que objeto o poema seria a dedicatória. Seguimos a sugestão de Waltz (1929, repr. 2002: 20, n. 1), que fala de uma cadeira redonda (divã, na nossa tradução) dedicada a S. Trófimo, ao centro de uma igreja, pela patricia Agatonice. Outra hipótese, segundo o mesmo autor, é que o “círculo” ou “roda” do v. 1 se referisse a um diadema oferecido a uma estátua desse santo.

⁴⁹ S. Trófimo de Arlés (séc. III), primeiro bispo dessa cidade venerado como santo por diversas confissões cristãs.

21. ANÓNIMO

Sobre o mesmo

Menino, ancião, gerado antes dos séculos, da mesma idade que
[Teu Pai!⁵¹

22. ANÓNIMO

Sobre o mesmo

... Verbo imensamente sábio do Pai celeste, Senhor do Universo,
Tu que honraste com o Teu rosto a raça dos mortais,
concede-nos a Tua graça e assistência benevolente!
Para Ti se dirigem, esperançosos, os olhos de todos.⁵²

23. [DE MARINO]

Sobre o mesmo

Filho partícipe da eternidade de Teu Pai imortal, Senhor universal,
Tu que reinas sobre os céus, os mares e a terra,
concede ao teu servo que escreve este livro⁵³, a Marino,
a graça da eloquência e a coerência da palavra!

⁵¹ O núm. 21 parece ser um resumo do epigrama anterior.

⁵² Pode tratar-se da continuação do núm. 20, por alguma razão separados em **P**.

⁵³ Tudo indica que se trata de um tratado de retórica, do qual Marino pode tanto ter sido o autor como simplesmente o organizador, colocando os epigramas 23 e 28, respetivamente, ao início e ao final. Os restantes epigramas (núms. 24-27), devem ser variações literárias. Não confundir este Marino, do qual nada se sabe, com o filósofo platónico homónimo autor de *AP* 9.196-197.

escuta as preces da Tua Mãe sempre virgem
e concede-nos a Tua graça nas palavras e nos atos.

28. ANÓNIMO

Sobre o mesmo

Cristo, sabedoria de Deus, concede a graça das belas palavras,
torna habilidoso no uso da lógica do discurso
o que escreveu este livro com suas mãos, Marino,
remédio contra a ignorância e guia de eloquência.

29. ANÓNIMO

Sobre o mesmo

Cristo, derrama a Tua graça sobre as minhas obras!

outro

Cristo será meu auxílio também nas minhas obras.

outro

Que Cristo estenda às minhas obras a Sua mão auxiliadora.

outro

Cristo, derrama sobre mim o Teu auxílio cheio de graça!

outro

Cristo, concede Tu mesmo graça às minhas obras!

30. ANÓNIMO*Sobre o mesmo*

Cristo bendito! Luz sem fim dos mortais, esperança de todos!
Traz o bem aos que dele são necessitados e afasta-nos do mal.

31. ANÓNIMO*Sobre a santíssima Mãe de Deus*

Senhora, que o todo-poderoso filho de Deus, Teu rebento,
rodeado por um coro de anjos seguras nos braços,
educando o seu espírito para a bondade com os homens,
protege e conserva o mundo inteiro livre de todo o mal.

32. ANÓNIMO*Sobre o arcanjo Miguel*

Aqui estão os remédios para os homens miseráveis,
afritos que estejam no corpo ou no espírito!
Pois a origem dos males de imediato se afasta a correr
do teu nome, Miguel, da tua imagem ou da tua casa.

33. DE NILO O ESCOLASTA⁵⁴*Sobre um ícone do arcanjo [Miguel]*

Que coragem de plasmar o que não tem corpo. O retrato,
por si, eleva a alma ao pensamento das coisas celestes!

⁵⁴ Sobre o poeta vd. infra, núm. 1.100.2, com nota.

34. DE AGÁTIAS O ESCOLASTA

*Sobre a mesma imagem em Plateia*⁵⁵

O invisível chefe dos anjos, incorpóreo na essência da sua forma,
que grande coragem teve a cera em plasmá-lo!
Não lhe falta graça, contudo, pois mortal que veja a imagem
logo o espírito dirige para uma contemplação superior;
já nada o distrai da sua veneração, e imprimindo em si mesmo
essa imagem treme como se estivesse na sua presença.
Os olhos anseiam pelas profundezas da alma. E a arte sabe,
por meio das suas cores, provocar a paz de espírito.

35. DO MESMO

*Sobre o mesmo no Sosténio*⁵⁶

Emiliano da Cária, e com ele João,
Rufino de Alexandria e Agátias da Ásia⁵⁷,
logrando alcançar o quarto ano dos seus estudos de leis⁵⁸,
Arcanjo, dedicaram-te, abençoado, a tua imagem pintada,
rezando por um porvir venturoso! Agora tu faz-te presente
para guiar as suas esperanças de futuro!

⁵⁵ A mais pequena das Ilhas dos Príncipes, a sudoeste da ilha de Proti.

⁵⁶ Ao fundo da baía de Leóstenes, sobre o rio Bósforo (o europeu).

⁵⁷ Agátias (Mirina, Ásia Menor ca. 536 - Constantinopla, 582 ou 594), o poeta e organizador de um florilégio epigramático. Nada sabemos dos companheiros de curso mencionados, não devendo este Rufino confundir-se com o poeta epigramático homónimo, mas dois séculos anterior.

⁵⁸ O curso inicial consistiria em três anos, após os quais havia um exame e se ingressava num quarto ano de especialização – o caso destes estudantes.

36. DO MESMO

Sobre um retrato do ilustre Teodoro⁵⁹, duas vezes procônsul, no qual se lhe mostra a receber as insígnias do Arcanjo, em Éfeso.

Perdoa-nos que te representemos, Arcanjo, pois o teu rosto
 é invisível! Mas estes aqui são só dons dos mortais!
 Das tuas mãos Teodoro recebe a sua faixa de magistrado,
 e por duas vezes logrou o assento proconsular;
 este retrato é testemunha da sua gratidão – com cores
 reproduz a imagem perfeita da tua graça!

37. ANÓNIMO

Sobre o nascimento de Cristo

Trompetes, relâmpagos, a terra que treme! Mas quando ao ventre
 de uma virgem tu desceste, ruído algum provocaste!

38. ANÓNIMO

Sobre o mesmo assunto

A manjedoura é o céu, superior ao próprio céu!
 E o céu, o próprio, é obra deste menino.

39. ANÓNIMO

Sobre os pastores e os anjos

Um só coro, uma só canção para homens e anjos,
 porque ele se fez homem e deus num só.

⁵⁹ O decurião a quem Agátias dedicou o seu florilégio.

40. ANÓNIMO

Sobre o nascimento de Cristo

A manjedoura é o céu, superior ao próprio céu!
pois o que ela recebeu é senhor dos celestes.

41. ANÓNIMO

Sobre os reis magos

Não mais oferecem presentes os magos ao fogo e ao sol!
O sol este menino o criou, como as chamas do fogo.

42. ANÓNIMO

Sobre Belém

Recebe, Belém, Aquele que, como o bom profeta
previu, viria de ti a governar sobre todos os povos.⁶⁰

43. ANÓNIMO

Sobre Raquel

– Porque choras, Raquel, vertendo lágrimas amargas?
– Por ver a minha raça destruída eu verto lágrimas.⁶¹

⁶⁰ Cf. Mt. 2.5-6.

⁶¹ Cf. a profecia de Jeremias em Mt. 2.18.

48. ANÓNIMO

Sobre a Transfiguração

Estava Adão⁶⁶ [nas trevas...

49. ANÓNIMO

Sobre Lázaro

Cristo disse: “Vem aqui!” Lázaro logo deixou o Hades, recobrando o fôlego pelas suas narinas já ressecadas.⁶⁷

50. ANÓNIMO

Sobre o mesmo, em Éfeso

A alma Ele a plasmou, o corpo Ele o moldou.
E Lázaro, dos mortos à luz Ele o transporta.

51. ANÓNIMO

Sobre o mesmo

Era o quarto dia, e Lázaro despertava do túmulo.⁶⁸

⁶⁶ Não se compreende muito bem o que pode Adão ter que ver com este episódio, contado por exemplo em Mt. 18.

⁶⁷ Cf. Jo. 11.43-44.

⁶⁸ Cf. Jo. 11.39.

52. ANÓNIMO

Sobre o Domingo de Ramos

Rejubila, filha de Sião, e contempla Cristo, o senhor,
sentado num burro⁶⁹ e avançando veloz rumo à Paixão.

53. ANÓNIMO

Sobre a Páscoa

Cristo aboliu o cordeiro da Lei e ofereceu um sacrifício
imortal, Ele próprio o sacerdote e Ele a vítima.

54. ANÓNIMO

Sobre a Crucificação

Ó Paixão, ó Cruz, ó sangue que lava os pecados,
limpa a minha alma de toda a maldade!

55. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*⁷⁰

Filho de uma Virgem chamou a outro, virgem como Ele.
Tem piedade de nós, Senhor da pura virgindade!

⁶⁹ Cf. Mt. 21.5.

⁷⁰ O assunto é o mesmo apenas na medida em que o episódio decorre aos pés da cruz de Cristo. Cf. Jo. 19.25, o único evangelista que coloca sob a cruz Maria e João, dito “o discípulo que ele amava”.

56. ANÓNIMO

Sobre a Ressurreição

Cristo, ao ser Deus, retirou todos os mortos do Hades;
sozinho e desarmado deixou Hades, praga dos mortais.

57. ANÓNIMO

Sobre o Cordeiro de Deus

Nos limiares da minha alma tenho o sangue salvador
do Cordeiro – foge, destruidor, não te aproximes!⁷¹

58. ANÓNIMO

Sobre o velo de Gedeão⁷²

Um velo recebe a chuva e verte o orvalho num recipiente.
Ei-lo aqui, já seco – guarda no espírito estes mistérios.

59. ANÓNIMO

Sobre Moisés e a filha do Faraó

Uma egípcia, uma criança escondida, água a toda a volta:
estas imagens simbolizam o Verbo só para os piedosos.

⁷¹ Cristo, que João disse “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo. 1.29), é comparado ao cordeiro pascal; o “destruidor” é o Diabo.

⁷² Cf. Jz. 6.36-40.

60. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo, quando estende a mão e derrotou Amaleque*⁷³

- Porque estendes os braços formando uma cruz, Moisés?
 – Por este símbolo morreram um Amaleque e o outro.

61. ANÓNIMO

Sobre o mesmo

Protege a tua noiva estrangeira junto às águas, Moisés,
 pois do noivo sem mácula és tu o símbolo!⁷⁴

62. ANÓNIMO

*Sobre a Arca que atravessou o Jordão*⁷⁵

A corrente rendeu-se à Arca de ouro. Tem piedade, Cristo!
 A Arca é símbolo do teu futuro batismo neste local.

63. ANÓNIMO

*[Sobre Agar*⁷⁶*]*

Agar é filha de gentis. Mas o que é este anjo? O que é esta água?
 De gentis também eu sou filho – por isso sei estas coisas.

⁷³ Cf. Ex. 17.8-13. O segundo é o Diabo.

⁷⁴ Séfora, filha de Jetro ou Raguel. Cf. Ex. 2.16-21. A água é tomada como prefiguração do batismo e da salvação de Cristo, ele próprio o “noivo sem mácula”.

⁷⁵ Cf. Js. 4.10-24.

⁷⁶ Cf. Gn. 16.7.

64. ANÓNIMO

Sobre as setenta palmeiras e as doze fontes

Estas sete vezes dez palmeiras e estas doze fontes⁷⁷,
sabei que são símbolo⁷⁸ de outros tantos discípulos de Cristo.

65. ANÓNIMO

Sobre Abraão

Abraão leva o filho a imolar a Deus. Compadece-te! Do sacrifício
que o espírito percebe, esta imagem é o símbolo!

66. ANÓNIMO

Sobre Melquisedeque dando vinho e pães a Abraão⁷⁹

– Melquisedeque, rei e sacerdote, este pão e este vinho
porque os ofereces? – Como símbolo da verdade.

67. ANÓNIMO

Sobre Abraão, quando recebeu a Deus

Aqui, Deus tem apenas a forma de homem; mais tarde,
revestiu-se verdadeiramente da natureza humana.

⁷⁷ Encontradas por Moisés e os companheiros. Cf. Ex. 15.27.

⁷⁸ Termo consagrado no texto bíblico (*typos*) para referir-se a um episódio do Antigo Testamento como prefiguração de outro do Novo Testamento.

⁷⁹ Cf. Gn. 14.

68. ANÓNIMO

*Sobre Isaac e Jacob, quando este abençoou aquele*⁸⁰

Pelo cheiro o espírito, pela pele a letra se encontra⁸¹:
rejubila o pai porque a sua alma viu a Deus.

69. ANÓNIMO

Sobre Rebeca

Noivo unigénito⁸²: a tua noiva gentil, por amor a ti
saltou do alto de um corpo que não é puro⁸³.

70. ANÓNIMO

Sobre a mesma

Não longe das águas foi a nobre Rebeca cortejada⁸⁴,
pois que ela é símbolo da noiva dos gentis⁸⁵.

71. ANÓNIMO

Sobre a Chunamita

A sacerdotisa de Eliseu, Chunamita, por duas vezes te deu
[um filho,

⁸⁰ Cf. Gn. 27.16 ss.

⁸¹ Alusão às peles com que Rebeca cobriu os braços e o pescoço de Jacob, para que Isaac o tomasse por Esaú.

⁸² Isaac.

⁸³ Um camelo, animal tomado por impuro. Cf. Gn. 24.64.

⁸⁴ Cf. Gn. 24.11.

⁸⁵ Rebeca como símbolo da purificação pelo batismo, como nos núms. 1.59, 61, 72 e 75.

primeiro do seu ventre, depois roubando-os aos mortos⁸⁶.

72. ANÓNIMO

Sobre a pele de cordeiro de Elias

Esta pele prediz que o Cordeiro de Deus pela vida
de todos os homens há de banhar-se aqui⁸⁷.

73. ANÓNIMO

Sobre a unção de David

Arrepio-me ao pensar de quem⁸⁸ foi chamado pai David,
este cujo retrato a ser ungido aqui contemplos.

74. ANÓNIMO

Sobre o cego

O nome desta fonte é *Enviado*⁸⁹. Mas de Quem Ele
foi enviado vês tu, agora recuperaste a vista?

⁸⁶ Cf. 2Rs. 4.17, 4.35. O episódio é, naturalmente, prefiguração da ressurreição de Cristo.

⁸⁷ Entenda-se, no rio Jordão, onde se passa o episódio de Elias (2Rs. 4.2, 4.8) e onde Cristo será batizado por João Batista.

⁸⁸ De Jesus, como é frequente nos Evangelhos.

⁸⁹ Jo. 9.7 interpreta assim o nome original da fonte, *Siloam*, com cujas águas Jesus curara um cego. Vd. infra, núm. 1.117.

75. ANÓNIMO

*Sobre a Samaritana*⁹⁰

Não é um símbolo, antes um Deus e um noivo que a noiva
gentil aqui salva, quando a viu perto das águas.

76. ANÓNIMO

*Sobre as bodas [de Canaã]*⁹¹

Em verdade Deus fez o vinho. Quanto aos mistérios deste milagre,
se o espírito de Cristo te domina, tu os compreenderás.

77. ANÓNIMO

*Sobre a viúva que alimentou Elias*⁹²

A lamparina transborda de azeite e a cesta de farinha
em casa da viúva, pois ela é mulher de fé.

78. ANÓNIMO

Sobre o apóstolo Pedro

De todos os sumo-sacerdotes de Deus, Pedro é o sumo-sacerdote,
tendo esse cargo recebido diretamente da voz de Deus.

⁹⁰ Cf. Jo. 4.13-14.

⁹¹ Cf. Jo. 2.1-10.

⁹² Cf. 1Rs. 17.7-16.

79. ANÓNIMO

Sobre o apóstolo Paulo

Paulo, tendo visto o rosto da luz divina do céu,
encheu de luz imortal a terra inteira.

80. ANÓNIMO

Sobre o apóstolo João

Sumo-sacerdote de Éfeso, arauto divino de Deus,
quem primeiro disse que Deus era o Verbo⁹³.

81. ANÓNIMO

Sobre o mesmo

E tendo ouvido falar o Verbo, foi ele próprio
quem primeiro disse que Deus era o Verbo.

82. ANÓNIMO

Sobre o mesmo

Alcançando o templo da sabedoria celeste, caro a Deus,
João então afirmou que Deus era o Verbo.

⁹³ Cf. Jo. 1.1.

83. ANÓNIMO*Sobre Mateus*

Mateus, todos os milagres ilustres da encarnação de Deus
 escreveu no seu livro, após deixar a casa do publicano⁹⁴.

84. ANÓNIMO*Sobre Lucas*

Os atos perfeitos da imortal vida de Cristo,
 nas colunas deste livro sabiamente os traçou Lucas.

85. ANÓNIMO*Sobre Marcos*

Apesar de seu nome⁹⁵, já a noite não cobre o povo
 do Egito, pois da voz de Marco recebeu a luz⁹⁶.

86. ANÓNIMO*Sobre S. Basílio*

A virgindade de João⁹⁷ e a sua sabedoria, a Basílio
 tocaram em sorte, como tocaram a Gregório⁹⁸.

⁹⁴ Cf. Mt. 9.9.

⁹⁵ Santo Agostinho explica que o termo hebraico original para designar o Egito (*kemi*) significava “trevas” (*Enarr. Psalm. 77*).

⁹⁶ Marco teria sido o primeiro a pregar no Egito, após escrever o seu Evangelho.

⁹⁷ Vd. supra, núm. 1.55.1, com nota.

⁹⁸ Gregório de Nazianzo, o autor dos epigramas do livro VIII que neste volume se traduzem. Formava, com João Crisóstomo e Basílio, natural e bispo de Cesareia, a tríade dos Padres Capadóciolos da Igreja.

87. ANÓNIMO

Sobre S. Policarpo

Eis o piedoso Policarpo⁹⁹, o que o assento de sumo-sacerdote ocupou e justamente ganhou a coroa de mártir.

88. ANÓNIMO

*Sobre S. Dionísio [Areopagita]*¹⁰⁰

A hierarquia dos coros celestes celebrando
e dando luz ao sentido oculto dos símbolos,
a chama divina dos oráculos vivificantes acendes.

89. ANÓNIMO

Sobre S. Nicolau

Nicolau¹⁰¹ tem ao lado Policarpo¹⁰², pois ambos
tinham as mãos dispostas à piedade.

⁹⁹ Santo martirizado e bispo de Esmirna no séc. II.

¹⁰⁰ Discípulo de S. Paulo que foi também bispo de Atenas (séc. I). Os versos 1 e 2 aludem a duas obras que lhe são atribuídas: *Hierarquia Celeste e Teologia Mística*.

¹⁰¹ S. Nicolau de Mira (na Lícia), morto em 327 e conhecido pela sua imensa caridade – daí também a sua associação tardia ao Pai Natal.

¹⁰² Ou seja, o retrato de que 1.89 é legenda deveria estar ao lado do de Policarpo (1.87).

90. DE SOFRÓNIO, PATRIARCA DE JERUSALÉM

*Sobre Ciro e João*¹⁰³

Para Ciro, que recebera a arte suprema de curar,
 e também para João, mártires de Deus ambos,
 Sofrónio, livre do mal d'olhos que lhe affigia a alma,
 como pequena homenagem lhes dedicou este livro¹⁰⁴.

91. ANÓNIMO

*Sobre o imperador Justiniano, em Éfeso*¹⁰⁵

Justiniano e a admirável Teodora,
 João os coroou a mando de Cristo.

92. ANÓNIMO [OU DE GREGÓRIO DE NAZIANZO]

*Em Cesareia, na Igreja de São Basílio*¹⁰⁶

Certa vez, dormia Cristo no barco um sono profundo;
 como o mar era sacudido por rajadas de tempestade,
 gritaram de medo os marinheiros: “Acorda, Salvador!
 Salva-nos, estamos perdidos! O Senhor, levantando-se,
 ordenou acalmar os ventos e as ondas, e assim se fez.
 Ante tal milagre, viram os presentes a Sua natureza divina.¹⁰⁷

¹⁰³ Ambos foram martirizados no Egito por Diocleciano (segunda metade do séc. III).

¹⁰⁴ Um panegírico de ambos, do qual o epigrama podia ser a epígrafe.

¹⁰⁵ Justiniano teria restaurado o templo de S. João, em Éfeso, no séc. VI. O mesmo assunto de 1.95.

¹⁰⁶ Vd. 1.86.2 e nota.

¹⁰⁷ A cena narrada em Mt. 8.23-27, Mc. 4.36-40 e Lc. 8.22-25.

93. ANÓNIMO

Na mesma Igreja

Ao contemplar a imagem das quatro Virtudes¹⁰⁸ que dão a vida, incitai o vosso espírito a um esforço voluntário! Pois os suores da piedade sabem conduzir a uma vida que não conhece velhice.

94. ANÓNIMO

Sobre a morte da muito santa Mãe de Deus

Avisados por um sinal de Deus, vieram juntos para a casa dessa mulher pura e sem mácula os discípulos, como anjos resplandecentes, uns do Levante, outros da terra do Poente, uns do Sul e outros ainda vindos do Norte, para honrar o corpo da Salvadora do mundo.

95. ANÓNIMO

Em Éfeso

A Ti, abençoado, e por Ti, ofereço os despojos que nos¹⁰⁹
[concedeste na guerra.

¹⁰⁸ Legenda de um retrato das quatro Virtudes: Justiça, Força, Prudência e Temperança.

¹⁰⁹ Fala Justiniano, em seu nome e da imperatriz Teodora.

96. ANÓNIMO*Num cetro*

Esta insígnia obteve o virtuoso Amâncio¹¹⁰, pois ao imperador foi fiel e a Cristo alegrou com o seu temor a Deus.

97. ANÓNIMO*No oratório¹¹¹ (?)*

Sou o muito celebrado templo do imperador Justino, e o cônsul Teodoro, o poderoso, por três vezes prefeito, dedicou-me ao imperador e ao filho do senhor absoluto, Justiniano, o comandante de toda a sua armada.

98. ANÓNIMO*No mesmo local*

Contemplas o monumento muito celebrado do imperador Justino e de Justiniano, o todo poderoso comandante da armada, resplandecente nos fulgores da sua imensa massa de metal. Fê-lo o ilustre Teodoro, ele que, glorificando a cidade, por três vezes a protegeu como detentor da honra consular.

¹¹⁰ Cf. 1.5 e nota.

¹¹¹ Pode ser esse o sentido do grego *melete*, não atestado em nenhum texto. De ser assim, Teodoro teria mandado construir um oratório, no qual gravara uma homenagem a Justino I e outra ao sobrinho Justiniano (o epigrama seguinte).

99. ANÓNIMO

*Na coluna do Beato Daniel, em Anaplo*¹¹²

A meio-caminho entre a terra e o céu se perfila um homem,
sem temer os ventos que de todos os lados o açoitam.
Seu nome é Daniel, e rivaliza com o grande Simeão¹¹³,
com os pés plantados em coluna dupla¹¹⁴.
De fome de ambrósia e sede do imortal se alimenta,
proclamando o filho de uma mãe sem boda.

100. ANÓNIMO

Sobre Nilo, grande monge entre os ascetas

Pode a corrente do Nilo, o rio, saciar a sede da terra,
e pode a palavra deste Nilo, monge¹¹⁵, derreter corações.

101. DE MENANDRO, O PROTETOR

Sobre um mago persa que se tornou cristão e foi martirizado

Era outrora, entre os Persas, o mago Isbozetes¹¹⁶,

¹¹² Este nome, que designa um canal que leva ao mar, pode referir-se a uma localidade do Bósforo ou a um bairro de Constantinopla.

¹¹³ Simeão fora mestre de Daniel (409-493) na direção de um mosteiro, do qual o último se retirou por nove anos para um templo em Anaplo, tradicionalmente considerado cheio de demónios.

¹¹⁴ Uma coluna, arqueologicamente conservada, com dois “troncos” ligados entre si por uma barra de ferro e uma peça de alvenaria, dedicada a ambos pelo imperador Leão I em 462. Vd. Delehay 1896.

¹¹⁵ Discípulo de João Crisóstomo e prefeito de Constantinopla sob os governos de Arcádio e Teodósio II (finais do séc. IV - primeira metade do séc. V), o autor do núm. 1.33.

¹¹⁶ Desconhecido. O seu nome recorda, contudo, o do filho de Saúl. O epigrama recorda o momento da conversão do seu autor.

e em enganos mortais tinha as esperanças.
 Quando o fogo devorava a minha cidade, fui ajudar,
 como foi um servo de Cristo todo-poderoso.
 Por Ele se extinguiu o poder do fogo, e também eu,
 embora vencido, obtive triunfo mais divino.

102. DE MENANDRO, O PROTETOR

Sobre o Salvador e nosso senhor Jesus Cristo, o filho de Deus

Tu, superior a todos os seres: como mais poderei celebrar-Te,
 como nomear-Te, tu que és sublime entre todas as coisas?
 Como cantar em palavras Aquele que palavra alguma abarca?

103. ANÓNIMO

Sobre o lintel de uma casa em Cízico, salvo do fogo

Momo¹¹⁷ sanguinário, a tua própria flecha amarga te matou,
 posto que Deus me salvou, morada feliz, da tua fúria.

104. ANÓNIMO

Sobre a urna que contém as relíquias do mártir S. Acácio e de Alexandre

Do mártir Acácio e do sacerdote Alexandre¹¹⁸
 aqui repousa o corpo, em boa hora encontrados.

¹¹⁷ Para os Gregos, personificação da Loucura.

¹¹⁸ Acácio foi decapitado junto com S. Patrício. Nada se sabe deste Alexandre.

105. ANÓNIMO

*Sobre Eudócia*¹¹⁹, esposa do imperador Teodósio

A sapientíssima soberana de toda a terra,
 por um piedoso amor sempre inflamada,
 qual escrava se inclina ante um só túmulo,
 ela que por todos os homens é venerada.
 O que lhe concedeu o trono e casamento
 morreu como homem, mas vive como deus.
 [Na terra foi homem, no céu o que sempre foi.]¹²⁰

106. DE ... DE MAZARA¹²¹

*No Triclínio dourado*¹²²

Brilha de novo o resplendor da verdade
 e cega os olhos dos falsos profetas!
 Reforçou-se a piedade, ruiu a mentira,
 floresce a fé e a graça se acrescenta.
 Vede a imagem do Cristo que de novo
 lampeja sob seus assentos imperiais

¹¹⁹ Eudócia Augusta, Imperatriz de Teodósio II entre 421 e 450 d.C. Entre outras obras, recontou os principais episódios dos Evangelhos em 2.344 hexâmetros homéricos reordenados, e apenas ligeiramente alterados, sendo exemplo máximo do género dos homerocentões cristãos, muito em voga entre os séculos IV e V.

¹²⁰ O último verso soa a acrescento pobre de um copista, que não constaria da inscrição original.

¹²¹ Cidades com este nome são conhecidas na Arménia, na Mesopotâmia ou na Sicília, pelo que é complexa a identificação do seu autor. Sobre ele, e o poema, vd. Waltz 1925: 320-323.

¹²² Este o nome de sumptuoso pavilhão dos tempos de Justino II e Tibério II (segunda metade do séc. VI), conhecido pela sua sala octogonal solene e descrito ao pormenor no *Livro das Cerimónias*. O poema é bastante posterior.

e faz derrocar as tenebrosas heresias.
 Sob a entrada, qual portão para o céu,
 de guarda, está gravada uma Virgem.
 Imperador e Patriarca, vencedores do erro¹²³, 10
 com os colaboradores são representados ao lado.
 A toda a volta, como protetores do palácio,
 os anjos, discípulos, mártires e sacerdotes.
 Por isso chamamos agora *triclínio de Cristo*
 à que antes recebia o seu nome pelo ouro, 15
 pois detém o trono de Cristo nosso Senhor,
 da Mãe de Cristo, imagens dos discípulos de Cristo
 e ainda o retrato de Miguel de sábias ações.

107. ANÓNIMO

Sobre o mesmo Triclínio dourado

Tu, que o brilho antigo do ícone
 de outrora preservaste, Miguel Absoluto¹²⁴,
 e venceste as manchas todas da carne,
 representas agora o ícone do Senhor,
 pela obra fortificando as palavras dos dogmas.

108. ANÓNIMO

Sobre Adão

Não sem sabedoria foi outrora chamado ADÃO,

¹²³ Alusão ao apoio à iconoclastia destes imperadores do séc. VII, deposta por Miguel III (842-867), supostamente em data posterior ao epigrama, que o menciona no último verso.

¹²⁴ Vd. nota anterior.

em cujas quatro letras os quatro cantos do mundo:
por A começa o *oriente*, por D o *poente*,
pelo segundo A o *norte* e pela última o *sul*.¹²⁵

109. DE INÁCIO, MESTRE DOS GRAMÁTICOS

Na Igreja da Santíssima Mãe de Deus, na Fonte

Restaurou das ruínas a Igreja da Virgem
Basílio, junto com Constantino e Leão¹²⁶.

110. ANÓNIMO

Na mesma Igreja, sobre o retrato da Ascensão, na cúpula

Da terra subindo ao trono de Teu Pai
testemunhas, Salvador, a casa de Tua mãe
mostrando-Te fonte espiritual de maiores graças.

111. ANÓNIMO

Na mesma Igreja, sobre a Crucificação

Hades defunto vomita os seus mortos,
tendo por purga a carne do Senhor.

¹²⁵ Em grego, por ordem: *Anatolie, Dysis, Arktos e Mesembria*.

¹²⁶ A Igreja da Virgem na Fonte, erguida por Justiniano, foi restaurada por Basílio I (867-886), que desde o início do seu governo associara o seu filho Constantino (c. 859-881) ao cargo de imperador.

112. ANÓNIMO

Na mesma Igreja, sobre a Transfiguração

O Cristo do Tabor, brilho maior que a luz,
dissipou o obscurantismo de lei mais antiga.

113. ANÓNIMO

Na mesma Igreja, sobre o Encontro [de Jesus com Simeão]

A criança que agora se vê nos braços de um velho
é o antigo criador dos tempos¹²⁷.

114. ANÓNIMO

Na mesma Igreja, sobre a Saudação

Anuncia a salvação universal o Senhor,
quando saúda estas mulheres.¹²⁸

115. ANÓNIMO

Sobre a Mãe de Deus

Uma virgem gerou um filho; e depois desse filho seguiu
[sendo virgem.

¹²⁷ Cf. núm. 1.46.2, onde Jesus é dito “criança nascida antes mesmo de Adão”.

¹²⁸ Deve tratar-se de uma representação da saudação de Jesus às duas Marias (Mt. 28.9).

116. ANÓNIMO

Sobre o mesmo [Filho de Deus]

[Cristo abençoado, luz imortal dos mortais, filho de Deus,
dons de cristal, dons de ónix]
recebe, rebento imortal de uma virgem, filho de Deus,
dons de cristal, dons de ónix.

117. ANÓNIMO

Sobre o cego¹²⁹

Vê agora o que era cego de nascença!
Veio Cristo, a graça que é toda olhos.

118. ANÓNIMO

Orações

Para nós desencadeou um maremoto de paixões
o pior inimigo, soprando os ventos sobre o mar,
quando agita, afunda e inunda
a carga do batel da nossa alma!
E Tu, paz serena que acalmas a tempestade,
Tu, Cristo, mostra já secos os nossos pecados
e em segurança, ancorados ao teu porto,
seja o inimigo desastrosamente engolido.

¹²⁹ Cf. Jo. 9.7 e núm. 1.74.

119. ANÓNIMO

*Argumento dos Homero-centões*¹³⁰

Eis o livro de Patrício, o sacerdote temente a Deus
 que cumpriu grande obra ao compor, a partir do livro
 de Homero, um canto glorioso, com ilustres versos,
 no qual se desenvolvem os atos do Deus invencível.
 Como veio viver junto dos homens, como tomou forma 5
 humana e se escondeu no seio impoluto de uma Virgem
 quando criança, ele que o orbe infinito não soube abarcar;
 depois, como mamou do seio da Virgem mãe de Deus,
 fonte de onde brotavam correntes de leite virginal;
 como Herodes votou à morte as crianças de tenra idade, 10
 insensato, procurando a morte a um Deus que não morre;
 como João lhe deu banho nas correntes de água do rio;
 como doze homens sem mácula tomou por discípulos;
 os músculos de quantos Deus fez voltarem a funcionar,
 expulsando os males odiosos ou a cegueira de seus olhos; 15
 depois, como estancou as correntes de sangue que corriam
 da mulher de muitos gemidos que tocou a sua vestimenta;
 ou quantas foram as vítimas das Moiras de muitas dores
 que devolveu à luz, do antro das profundezas da terra;
 como nos deixou o memorial da Sua santa Paixão; 20
 como às mãos de mortais foi torturado com cruéis grilhões,
 segundo a Sua vontade – mortal algum da terra pode competir
 com Deus que governa as Alturas, se Ele próprio não ordena;
 como morreu; como derrubou as férreas portas do Hades,

¹³⁰ Poema-resumo da obra de um bispo Patrício (desconhecido), o qual teria sido terminado por Eudócia Augusta, a Imperatriz e poeta assunto do núm. 1.105 (vd. nota). O lema de um manuscrito, não o que traduzimos, de **P**, parece referir o nome de um autor que, reconstruído, seria Euf[e]m[o] ou Euf[é]m[i]o].

como desde aí as almas dos tementes a Deus ao alto dos Céus 25
 elevou e, em cumprimento da vontade imaculada de Seu Pai,
 ressuscitou na aurora do terceiro dia que desponta para os
 [mortais,
 Ele, o rebento primogénito de um Deus que não tem princípio.

120. ANÓNIMO

Nas Blaquernas¹³¹, iambos

Se buscas na terra o trono admirável de Deus,
 contempla e admira a morada da Virgem!
 Ela, a que carrega a Deus nos braços,
 leva-O para a majestade do seu lugar.
 Aqui, os encarregados de comandar a terra
 acreditam possuir os cetros da vitória;
 aqui, de muitas catástrofes universais
 o patriarca vigilante sempre adverte.
 Os bárbaros, estando para atacar a cidade,
 apenas de vê-La ao comando da armada
 logo dobraram os pescoços inflexíveis.

121. ANÓNIMO

Na mesma igreja

Parece que é uma segunda porta para Deus,
 esta casa da Virgem, também de Seu Filho!

¹³¹ Nome abreviado da Igreja da Virgem, nas Blaquernas. Vd. núm. 1.2 e nota. Vd. Waltz 1925: 323 ss.

Um arco mais profético que o que havia antes,
 que, se não leva as tábuas escritas por Deus,
 foi recebido diretamente das mãos de Deus;
 aqui estão as fontes da purificação da carne
 e a redenção para os pecados que há na alma.
 Quantas vezes nos inclinamos às paixões,
 tantas Ela concede o favor de Seus milagres.
 Aqui, tendo Ela vencido os nossos inimigos,
 destruiu-os não pela lança, mas pela água.
 Não tem um só modo de mudar as coisas,
 Ela que gerou Deus e afastou os bárbaros.

122. DE MIGUEL, O ARQUIVISTA

Sobre a Mãe de Deus segurando Cristo

Ela gerou um Filho, mas permanece virgem!
 nada há que espantar: é que esse Filho Seu
 é Deus, que quis apenas revestir-se de carne.

123. DE SOFRÓNIO

Sobre a pedra do calvário, em Jerusalém

Pedra três vezes abençoada, que o sangue derramado de
 [Deus recebeste,
 a raça que respira fogo que há nos céus está em vela por ti a
 [toda a volta
 e os reis, habitantes desta terra, cantam hinos tratando de
 [homenagear-Te.

(Página deixada propositadamente em branco)

**EPIGRAMAS DE S. GREGÓRIO
TEÓLOGO**

ANTOLOGIA GREGA VIII

(Página deixada propositadamente em branco)

1.

Epitáfio para João e Teodósio

Aqui um túmulo guarda dois homens nobres, semelhantes
[a Deus¹,
o divino João e o ilustre Teodósio²,
cuja virtude muito rica às alturas do Céu se elevou
e os fez partícipes da Luz imaculada.

2.

Sobre o grande Basílio³, bispo de Cesareia na Capadócia

Que um corpo podia viver sem alma, como o meu sem o teu,
Basílio, querido servo de Cristo, isso pensava!
Mas resignei-me e esperei. Que queremos? Porque não me levas
e me estabelececes onde os beatos e tu próprio fazem coros?
Não me deixes, não, por este túmulo! Não poderei esquecer-te
jamais! Nem que quisesse! Palavra do teu Gregório.

3.

Do mesmo, sobre o mesmo grande Basílio

Quando o espírito divino de Basílio a Trindade

¹ *Theoeides* é apenas um dos muitos epítetos e expressões homéricas que Gregório usa na sua poesia cristã. Por razões de economia, não os identificaremos periodicamente.

² João Crisóstomo (347-407) e o Imperador Teodósio I (346-395), conhecido pelas derrotas infligidas aos povos tidos como bárbaros e consequente imposição do cristianismo.

³ Sobre a relação entre Basílio e Gregório, vd. supra núm. 1.86.2, com nota.

levou, dele que aqui repousa em paz,
toda a armada celeste se alegrou com a sua partida,
mas chorou o país inteiro dos Capadócius.
Mais, o imenso universo gritou: “Morreu o arauto,
morreu o sustento da paz resplandecente!”

4.

Sobre o mesmo

O mundo inteiro por disputas oratórias é vergonhosamente
revolvido, ele que partilha da raça da Trindade.
Ai, estão cerrados e silenciosos os lábios de Basílio!
Levanta-te! Cessa a tormenta com as tuas palavras
e os teus sacrifícios! Pois apenas tu patenteaste uma vida
igual às palavras e palavras iguais à tua vida.

5.

Sobre o mesmo

Há um só Deus, Senhor das Alturas; um só sumo-sacerdote
conheceu a nossa geração – tu, Basílio,
arauto de forte voz da verdade, luz radiante
para os Cristãos, que brilha entre os esplendores da alma!
Glória imensa do Ponto e da Capadócia! Mesmo agora,
suplico-te, levanta-te e oferece os teus dons ao mundo.

6.

Sobre o mesmo

Aqui, a mim, Basílio filho de Basílio, sumo-sacerdote,

me depositaram os de Cesareia, eu, o amigo de Gregório,
 que amei de coração. Deus lhe conceda todo tipo de bens,
 e quanto antes poder aceder à vida que aqui levamos!
 Que proveito pode haver em demorar-se e consumir-se
 na terra, para um que busca o amor celestial?

7.

Sobre o mesmo

Respiravas ainda, a custo, sobre a terra, mas a Cristo tudo
 tinhas já dado – a alma, o corpo, a palavra, as mãos –,
 ó Basílio, grande glória de Cristo, bastião dos sacerdotes,
 bastião, agora mais que nunca, da verdade dilacerada⁴.

8.

Sobre o mesmo

Ó palavras, morada comum da amizade, querida Atenas,
 vida divina à qual, à distância, todos aspiramos!
 Sabei que Basílio partiu para o Céu, como era seu desejo,
 e que Gregório segue na terra, de lábios presos.

9.

Sobre o mesmo

Grande motivo de canto dos de Cesareia, muito ilustre Basílio!

⁴ Alusão às heresias, como no núm. 8.4.1-2.

A tua palavra era trovão, a tua vida relâmpago.
Deixaste, porém, o teu assento sagrado. Assim quis Cristo,
para que cedo te misturasses com os celestes.

10.

Sobre o mesmo

Conheceste a fundo as profundezas do Espírito, como tudo
quanto pertence à ciência terrestre – eras um templo vivo!
Por oito anos⁵ seguraste as rédeas de um povo temente a Deus,
e essa foi apenas, Basílio, a mais pequena das tuas penas.

11.

Sobre o mesmo

Sê feliz, Basílio, mesmo agora que nos abandonaste!
Estas as palavras de Gregório para o teu túmulo,
a voz de que tanto gostavas! Recebe, Basílio, da sua mão
amiga esta oferenda, mesmo que te seja ingrata⁶.
Eu, divino Basílio, o teu Gregório, às tuas cinzas
dediquei esta dúzia de epigramas.

12.

Do mesmo, sobre o seu pai

Neste lugar, com cem anos – mais que uma vida humana –,

⁵ Os anos em que foi bispo de Cesareia.

⁶ I.e. “tendenciosa”, dada a amizade que os unia.

quarenta dedicados ao Espírito e ao trono de bispo,
 durmo um sono profundo, eu, o corpo de Gregório, profeta
 resplandecente, gentil e de doce voz da Trindade,
 quando a minha alma já ganhou asas e chegou a Deus. Vamos,
 sacerdotes! Venerando-O, honrai também este meu túmulo!

13.

Sobre o mesmo

O supremo Deus chamou-me da amarga oliveira brava;
 fez-me pastor do rebanho – logo eu, que nem era
 a última das ovelhas – e da coxa divina me deu a graça⁷.
 Uma velhice próspera atingimos ambos!
 O mais doce dos meus filhos é sacerdote. E se sofri a morte,
 eu, Gregório, nada demais – é que era um mortal.

14.

Sobre o mesmo

Se no alto da montanha houve um iniciado da voz santa,
 Moisés, houve também o espírito do grande Gregório,
 antes afastado da graça⁸ que, convertendo-o em grande sacerdote,
 agora o conserva na companhia da Trindade.

⁷ A graça da descendência.

⁸ Alusão ao passado pagão de seu pai.

15.

Sobre o mesmo

Eu ergui um templo a Deus e dei-lhe um sacerdote,
Gregório, o que a Trindade iluminava,
arauto sonoro da verdade, pastor de povos,
jovem mestre de uma e da outra arte⁹.

16.

Sobre o mesmo

Filho meu! Possas em tudo ser superior a teu pai,
e na bondade ser digno dele – rezar por mais
não seria justo! Oxalá atinjas idade avançada,
afortunado, tu que encontraste tal guardião!¹⁰

17.

Sobre o mesmo

Eu que não era ovelha e logo fui a primeira das ovelhas, rebanho
em seguida e depois pai e pastor de outros pastores,
tratando de unificar os mortais e o supremo Deus imortal,
aqui repouso, eu, Gregório, o pai de Gregório.
Próspero, de velhice feliz e com bons filhos morri, sacerdote
pai de outro sacerdote, também Gregório – que mais desejar?

⁹ A cristã e a pagã (significando a última, provavelmente, a sua erudição literária).

¹⁰ Cristo e o cristianismo.

18.

Sobre o mesmo

Não vim de manhã para a vinha de muitos frutos¹¹,
 mas cobro salário superior aos que vieram antes,
 eu, Gregório, o bom pastor, que a Cristo aumentei
 o rebanho graças aos meus gentis modos.

19.

Sobre o mesmo

Não sou o rebento de uma raiz piedosa, mas a cabeça
 de uma esposa casta e de uma tríade de filhos,
 tendo dirigido um rebanho em concórdia. Deste lugar
 parti já carregado de anos terrestres e celestiais.

20.

Sobre o mesmo

Gregório – que milagre! –, levando a graça e a luz do Espírito
 daqui de baixo, derramou-as sobre o filho amado.

21.

Sobre o mesmo

É pequena uma pérola, mas é a rainha das joias,
 como é pequena Belém, embora mãe de Cristo.

¹¹ Nova alusão à conversão cristã, já tardia, de seu pai.

Posto que modesto rebanho consegui, mas excelente,
Gregório, suplico-te, bom filho, que o dirijas.

22.

Sobre o mesmo

A flauta do rebanho em tuas mãos depositei,
Gregório! Agora tu, filho, governa-o por mim
com sabedoria! Que a todos abras as portas da vida,
e a tumba de teu pai encontres a seu tempo.

23.

Sobre o mesmo

Cristo brilhou para quantos, na montanha, se transfigurou¹²,
como brilhou para o espírito do poderoso Gregório,
quando negou a sombra da idolatria. Uma vez purificado,
pelos seus sacrifícios continua a guiar o seu povo.

24.

Sobre a sua mãe, levada para Deus desde o altar

De todas as tuas palavras e ações, tinha a primazia
o dia do Senhor: com o teu lamento todo o lamento

¹² O episódio da Transfiguração, quando Cristo se mostra aos discípulos com vestes “resplandcentes e muito brancas, como lavadeiro algum da terra as podia branquear” (Mc. 9.3; trad. Lourenço 2016).

honrando, minha mãe, só nos dias de festa abrias exceção.

Das tuas alegrias e dores esta igreja é testemunho;
cada lugar está selado com as tuas lágrimas, mãe!

E só pela Cruz essas lágrimas puderam ser sanadas.

25.

Sobre a mesma

Jamais o altar dos sacrifícios te viu virar-lhe as costas,

jamais por teus lábios passou palavra profana
nem o riso, iniciada, pousou em tuas suaves faces.

Calarei, abençoada, as tuas penas ocultas!

Assim eras por dentro, e por fora a todos era evidente;

e por isso deixaste o teu corpo na morada divina¹³.

26.

Sobre a mesma

Porque se deslaçaram os membros de Nona? Porque se fecharam
seus lábios? Porque de seus olhos não caem lágrimas?

Choram outros perto, em redor da sua sepultura; mas o altar

já não recebe os presentes da sua mão generosa;

o recinto está saudoso do seu santo pé, e os sacerdotes

não levarão mais à cabeça uma mão a tremer.

¹³ Este epítáfio encerra os tópicos principais do panegírico de Nona, repetidos nos núms. 24-74, sua mãe: além da vida piedosa e caritativa que levou, exemplo máximo de ortodoxia, o facto de ter morrido na igreja, enquanto rezava.

Viúvas e órfãos, o que será de vós agora? Raparigas por casar
e esposas bem aparelhadas, rapai as cabeleiras,
essas com que ela ainda adornava a cabeça quando caiu ao chão,
ao abandonar na igreja o seu corpo decrépito.

27.

Sobre a mesma

Sara¹⁴ foi sábia por honrar sábio esposo; mas tu, mãe,
primeiro Cristão, depois sacerdote poderoso
o teu nobre esposo tornaste, ele que andava afastado da Luz.
Ana! Um filho amado tu geraste, tão desejado,
e ao templo deste, sacro servidor, esse Samuel;
ou essa outra¹⁵, que no colo recebeu o supremo Cristo.
Nona teve a glória de ambas, e ao cumprirem-se os seus dias,
a rezar ofereceu à igreja o seu corpo amigo.

28.

Sobre a mesma

Empédocles, ser sem-vergonha e mortal, logo
as crateras do fogo do Etna se te mostraram¹⁶.

¹⁴ A identificação de Sara (a esposa de Abraão) com a sua mãe repete-se no núm. 8.52.

¹⁵ Essa outra (Ana). Ana, a profetisa filha de Samuel que consagrou o seu filho ao Senhor no templo (Lc. 2.36). A primeira Ana é sua avó, a mãe do mesmo Samuel.

¹⁶ Segundo uma tradição, Empédocles lançara-se nas bocas do Etna para provar que o seu corpo havia sido elevado aos céus, acabando denunciado por uma sandália que o vulcão cuspiu.

Nona não encheu crateras. Mas, rezando ante este altar,
abençoada, um dia foi, vítima pura, levada daqui,
e agora brilha entre essas mulheres bem-aventuradas:
Susana¹⁷, Maria e as duas Anas¹⁸, guardiãs das mulheres.

29.

Sobre a mesma

Hércules, Empedotimo, Trofônio, cedei lugar no mito!
E tu, inacreditável sobrolho do arrogante Aristeu¹⁹.
Sois mortais, e desgraçados em vossas paixões.
Mas Nona, que de coração viril percorreu o trilho da vida,
a temente a Cristo, servidora da Cruz, desprezando o mundo
passou de um salto o limiar da divindade, como desejava,
três vezes afortunada, deixando o corpo à igreja.

30.

Sobre a mesma

Gritando *Gregório*, num campo coberto de flores
vieste, mãe, ante os que chegavam de fora,

¹⁷ Pode tratar-se da mulher que estava no templo quando os pais de Jesus aí o levaram, recém-nascido (Lc. 2.36), mas não é impossível que a referência seja à mãe de Maria.

¹⁸ Vd. núm. 8.27.6, com nota.

¹⁹ Gregório desmonta mitos pagãos, para lhes contrapor o exemplo de Nona. Empedotimo era um pitagórico que se deixou morrer de fome numa caverna para fazer crer que se havia elevado aos céus; Trofônio era um hábil arquiteto, construtor do Templo de Delfos, cuja caverna onde foi sepultado era célebre pelos seus oráculos. Aristeu pode ser o pastor filho de Apolo com Cirene que, ao cabo da vida, desapareceu sem deixar rastro.

abrindo os teus braços filiais para teus filhos queridos,
e gritando *Gregório*. Fervia o teu sangue de mãe
por teus dois filhos, mais pelo que amamentaras²⁰.
Por isso em tantos epigramas te louvei, mãe!

31.

Sobre a mesma

Uma se enobrece com afazeres domésticos,
outra pelas benesses da sua castidade,
outra por obras da piedade e castigos da carne,
lágrimas, preces, as esmolas de suas mãos.
Nona, por tudo se deve celebrar! E mais (se fim
cabe chamar-lhe), ainda foi morrer a rezar.

32.

Sobre a mesma

Filho do meu seio, rebento sagrado! Como ansiava,
parto para a vida celeste, meu *Gregório*!
Muitas penas suportaste com a velhice dos meus cabelos
e dos de teu pai – estão no grande livro de Cristo.
Tu, segue os teus pais, meu querido, e não demoraremos
a receber-te, acolhido no nosso resplendor.

²⁰ E que seria, portanto, o seu preferido.

33.

Sobre a mesma

A alma alada de Nona elevou-se ao Céu, mas o seu corpo
 com os Mártires à saída da igreja o sepultámos.
 Recebei, Mártires, entre preces, esta grande oblação, tão sofrida
 carne que foi seguidora do vosso sangue,
 sim, do vosso sangue, depois que a poderosa força
 do destruidor de almas por suas longas penas venceu.

34.

Sobre a mesma

Não foi de bezerros ou de cabras nem de primogénitos
 o sacrifício ensombrado que Nona ofereceu a Deus.
 Essa a lei dos antepassados, no tempo dos ícones²¹. Sabe que
 se deu por inteiro – tanto na vida como na morte.

35.

Sobre a mesma

Rezando em voz alta ante o mais santo dos altares
 Nona foi liberta, a voz e os belos lábios da sua velhice
 agrilhoados. Qual o espanto? Quis Deus a sua língua
 versada em hinos confinada a palavras de bom augúrio!

²¹ No caso, o Antigo Testamento.

36.

Sobre a mesma

Com suas preces, Nona temente a Deus adormeceu o mar
para os seus filhos amados e, dos limites do oriente
e do ocidente – glória imensa! –, contra as expetativas os reuniu
o amor de mãe; e livrou também o marido de doença amarga.
E foi a rezar – esse o prodígio – que deixou a vida na Igreja.

37.

*Sobre a mesma*²²

Muitas vezes, de doenças e terríveis tumultos,
terramotos gélidos e da força selvagem das vagas
do mar me salvaste, pois Deus te era propício!
Salva-me agora, pai, pelo poder das tuas preces,
e tu, mãe abençoada, que pereceste a rezar.

38.

Sobre a mesma

Nona, glória dos esplendores celestes,
rebento em flor de raiz sagrada,
esposa do sacerdote Gregório e mãe de filhos
de coração puro – eu, este túmulo, guardo.

²² O lema é impreciso, pois na realidade o epigrama versa sobre ambos os pais do autor.

39.

Sobre a mesma

As preces e gemidos que amavas, as noites passadas em vela
 e o chão da igreja agora saudoso das tuas lágrimas,
 Nona temente a Deus, semelhante término de vida
 te valeram – receber o voto da morte na igreja.

40.

Sobre a mesma

Apenas a voz te foi deixada, resplandecente Nona,
 e reuniste tudo nos excelentes tonéis²³,
 oferenda pura de um casto coração. Mas também ela,
 ao subires aos céus, deixaste na Igreja.

41.

Sobre a mesma

Não morreu fora da igreja que queimava incenso Nona,
 antes a sua voz Cristo Senhor primeiro a raptou
 enquanto rezava. Pois desejava concluir esta vida
 a rezar, mais pura que qualquer sacrifício.

²³ I.e., na igreja.

42.

Sobre a mesma

Sagrada Nona, tu que a vida inteira consagraste a Deus,
por fim lhe deste a tua alma em oblação.
Foi aqui que deixaste a vida a rezar; e este altar,
minha mãe, à tua morte conferiu glória.

43.

Sobre a mesma

O meu pai era o imenso servidor deste altar,
e a seus pés, a rezar, minha mãe deixou a vida:
Gregório e Nona, muito gloriosos. Rogo ao Senhor
obter semelhante vida e semelhante fim.

44.

Sobre a mesma

“Muitas lágrimas, altar querido, de Nona recebeste;
recebe-lhe agora a alma, sacrifício derradeiro!”
Assim falou, e dos membros lhe voou o coração. Lamenta
uma só coisa, o único de seus filhos que deixou²⁴.

45.

Sobre a mesma

Neste lugar, a rezar o espírito de Nona voou tantas vezes

²⁴ Apenas Gregório sobreviveu a seus pais; Cesário e Gorgónia tinham morrido, respetivamente, em 369 e 370. Cf. 8.78.

que, por fim, também a alma o seguiu às alturas,
 e quando estava a rezar o seu cadáver se prostrou sobre o
 [santo altar;
 registai este milagre, homens piedosos, para os vindouros!

46.

Sobre a mesma

Quem morreu como morreu Nona, perto dos santos altares,
 tocando com as mãos essas tábuas sagradas?
 Quem dissolveu a figura de Nona enquanto rezava? Ela queria
 permanecer aí, sendo piedosa mesmo já cadáver.

47.

Sobre a mesma

Neste lugar, um dia, enquanto rezava, das alturas disse Deus
 a Nona: “Vem!” E ela, com alegria, foi liberta do corpo,
 quando com uma das mãos apenas alcançava o altar
 e com a outra orava: “Cristo Senhor, tem piedade!”

48.

Sobre a mesma

De linhagem piedosa nasci, fui carne²⁵ e mãe
 de um sacerdote. A Cristo corpo, vida, lágrimas,
 de tudo me despojei para lhe entregar. No fim, aqui na igreja
 subi ao céu, eu, Nona, abandonando um corpo já velho.

²⁵ I.e. esposa.

49.

Sobre a mesma

A fé repatriou Enoque e Elias²⁶, e entre as mulheres
a minha mãe, a primeira; bem o sabe este altar,
de onde, entre sacrifícios sem sangue, foi elevada ao céu
a amada Nona, quando o seu corpo ainda rezava.

50.

Sobre a mesma

Nem a doença nem a idade (mal comum), nem a dor,
apesar da tua velhice, minha mãe, te arrebataram.
Antes, não ferida nem dobrada, aos pés santos do altar,
a rezar, Nona, consagraste a voz a Cristo.

51.

Sobre a mesma

Deu Abraão em sacrifício a Deus o seu filho, como a filha
deu o ilustre Jefté – grande sacrifício o de ambos²⁷.
Minha mãe! Tu deste-lhe a tua vida santa, e no final
a tua alma, ó Nona, vítima querida da oração.

²⁶ Ambos teriam evitado bem a morte. Enoque vivendo até aos 365 anos (Gn. 5.21-24), e Elias não antes de chegar ao Monte Sinai a receber as ordens de Cristo (1Rs. 19), após o que é levado aos céus num carro de fogo (2Rs. 2).

²⁷ Abraão sacrificou Isaac (Gn. 22.1-19) e Jefté a filha (Jz. 11.31).

52.

Sobre a mesma

Querida Sara, como abandonaste o teu Isaac?²⁸ Desejavas
 quanto antes reunir-te ao regaço de Abraão,
 Nona, esposa do piedoso Gregório? Que grande prodígio,
 sequer morrer longe da igreja e dos sacrifícios!
 Mártires, sede propícios! Nada inferior é a amável Nona
 por suas penas, as da sua luta secreta e pública.
 Por isso logrou obter semelhante desenlace para a sua vida,
 para a oração e a vida encontrando igual destino.

53.

Sobre a mesma

A Trindade que tanto ansiavas, luz e majestade unas,
 da grande igreja te arrebatou para o céu, ó Nona,
 a rezar, e achaste final mais santo que a vida.
 Jamais teus lábios puros uniste a lábios impuros,
 nem ímpia mão à tua mão casta, sequer na refeição,
 minha mãe! O prémio: deixar a vida entre sacrifícios.

54.

Sobre a mesma

Um anjo de luz radiante te levou, Nona,
 quando aqui oravas, pura de corpo e espírito.
 Parte de ti levou; a outra deixou-a na igreja.

²⁸ Cf. núm. 8.27.

55.

Elegia para a mesma

Esta igreja, sem ter o direito de reter Nona por inteiro,
ao partir a sua alma só o corpo conservou,
para, ao acordar de novo, daqui se elevar mais dignamente,
revestido de glória todo o seu corpo sofrido.

56.

Sobre a mesma

Pode algum santo por outras virtudes bater-se com Nona,
mas pela medida da sua oração não cabe bater-se com ela.
É testemunha o termo da sua vida, exalada a rezar.

57.

Sobre a mesma

Ó lamentos, lágrimas e sofrimentos noturnos;
ó membros da divina Nona, vencidos pelas penas,
[onde estão? A igreja livrou-lhe de penas a dura velhice.]

58.

Sobre a mesma

– Nona, filha de Filtácio. – E onde morreu? – Nesta mesma igreja.
– Como? – A rezar. – Com que idade? – Já velha.
– Ó vida excelente a que teve, ó morte tão imaculada!

59.

Sobre a mesma

Montado num carro de fogo Elias subiu aos céus²⁹.

Nona, a rezar o espírito supremo a recebeu.

60.

Sobre a mesma

Aqui a amável Nona dormiu sono profundo,

feliz por seguir o marido Gregório.

61.

Sobre a mesma

Horror e júbilo num só! Aqui, ao céu foi levada

Nona, deixando a vida entre preces.

62.

Sobre a mesma

Foi o fim da oração e da vida de Nona! É testemunha

este altar, de onde foi elevada sem vida, de súbito.

63.

Sobre a mesma

Sou o túmulo da casta Nona, a que às portas

do céu chegou antes de ser liberta da vida³⁰.

²⁹ Vd. nota a 1.49.

³⁰ Hipérbole para a sua morte súbita (cf. 1.62).

64.

Sobre a mesma

Chorai os mortais, raça dos mortais. Mas se alguém
morre como Nona, a rezar, não o choro.

65.

Sobre a mesma

Se veneras a vida casta de Nona, melhor será que veneres
a sua morte: ela morreu na igreja a rezar.

66.

Sobre a mesma

Aqui, um dia que estava a rezar, tombou a cabeça e morreu
[a gloriosa Nona.
E agora, é entre os bem-aventurados que se perfila e reza.

67.

Sobre a mesma

Estela da tua morte doce como o mel é este altar,
Nona, junto à qual a rezar te libertaste.

67b.

[Sobre a mesma]

Uma réstia de vida tinha a sua alma; mas também isso
Nona consagrou a Deus, um dia que aqui rezava.

68.

Sobre a mesma

Escoltoi todos, fora da igreja, Nona temente a Deus,
escoltoi a anciã ilustre elevada às alturas.

69.

[Sobre a mesma]

Da igreja imaculada Deus me transportou para o céu,
a mim, Nona, desejosa de reunir-me aos celestes.

70.

Sobre a mesma

Nona, ao ser elevada da grande igreja, estas palavras proferiu:
“Superior às minhas muitas penas é o prémio que recebo”.

71.

Sobre a mesma

Nona, a vítima de prece amável, aqui repousa.
Nona, um dia aqui liberta da vida a rezar.

72.

Sobre a mesma

Aqui, rezando um dia, a alma abandonou o corpo de Nona.
Daqui foi elevada Nona, deixando o seu corpo.

73.

Sobre a mesma

Da ilustre igreja, grande oblação, Nona foi elevada;
na igreja Nona foi liberta. Alegrai-vos, piedosos!

74.

Sobre a mesma

Este altar enviou para Deus Nona, a Deus semelhante.

75.

Oração de seus pais, para o grande Gregório

Possas tu ter uma vida feliz, com todo o tipo de benesses
que cabem aos filhos que zelam pela velhice dos pais,
e possas também atingir um fim de vida suave e santo,
semelhante ao que à nossa velhice deu o Senhor,
tu, poderoso sustento de jovens instruídos e sacerdotes,
Gregório, cajado dos nossos cabelos brancos.

76.

Elegia de seus pais

Orgulhosos ficámos porque com suas mãos queridas de terra
nos cobriu nosso filho, nós, os pais do piedoso Gregório!
Ele que, com seus esforços, tornou suave a nossa velhice

e, ainda agora, não deixa de nos honrar com sacrifícios.
 Respira das penas por cuidar da nossa velhice, Gregório,
 de longe o melhor filho, pois já enterraste junto dos Mártires
 os teus piedosos pais! A recompensa é o favor do Pai supremo,
 isso e que teus filhos sejam inflados pelo sopro da piedade.

77.

Para os mesmos

– Eu, esta pedra, ambos Gregórios, o pai e o filho
 gloriosos oculto, uma pedra para duas chamas,
 sacerdotes ambos. – E eu a de nobre linhagem recebi,
 Nona, na companhia do ilustre filho Cesário.
 Assim se distribuíram túmulos e filhos; mas a viagem
 de todos é ao céu – só desejavam a vida celeste.

78.

Sobre toda a sua família

Primeiro Cesário, ferida comum; logo depois
 Gorgónia; depois nosso pai amado; nossa mãe
 de seguida. Ó mão dolente e amarga escrita!
 Hei de escrever o meu destino, de Gregório, o último.

79.

Sobre si próprio

Primeiro, deu-me Deus às preces da minha gloriosa mãe;
 em segundo me recebeu, dom querido, de minha mãe;

em terceiro, da morte me resgatou o altar sagrado;
 em quarto, palavra de dois gumes me deu o Verbo;
 em quinto, a castidade me tomou em seus queridos sonhos;
 em sexto, ingressei no sacerdócio junto com Basílio³¹;
 em sétimo, o Criador salvou-me dos abismos em seu regaço;
 em oitavo, purifiquei as mãos com obras piedosas;
 em nono, Senhor, à nova Roma dei a conhecer a Trindade;
 e em décimo fui atingido por pedras³² e pelos amigos.

80.

Sobre si próprio

Grécia minha, amada juventude, tudo quanto possuía
 e tu, meu corpo, com que alegria cedestes a Cristo!
 Se a oração de minha mãe e a mão de meu pai – sacerdote
 amado de Deus – me fizeram, quem há de invejar-me?
 Cristo bem-aventurado! Recebe-me nos teus coros e concede glória
 ao filho de Gregório teu servidor, a Gregório!

81.

Sobre o seu próprio túmulo

O amado rebento de Gregório e Nona aqui repousa,
 Gregório, o servidor da santa Trindade

³¹ vd. supra núm. 1.86.2, com nota

³² O próprio conta que foi apedrejado a meio de um serviço religioso (*Epist.* 77.66). Os amigos devem incluir as distintas traições e afastamentos que foi sofrendo da parte de outros aristocratas religiosos, como foi o exemplo Timóteo de Alexandria ou, mais pontualmente, do próprio Basílio.

que pela sabedoria alcançou a Sabedoria e, de jovem,
 tinha por única riqueza a esperança do Céu.

82.

Sobre si próprio

Viveste ainda algum tempo sobre a terra, mas deste a Cristo
 de coração tudo quanto possuías e a palavra alada;
 e agora, em meio do coro celeste, o céu detém-te,
 a ti, grande sacerdote, ó ilustre Gregório!

83.

Sobre si próprio

Desde menino Deus me chamou em sonhos noturnos;
 atingi o limite da sabedoria; a carne e o coração
 pelo Verbo purifiquei; escapei, despido, às chamas do mundo³³
 e profilei-me com o Aarão³⁴ que foi Gregório, meu pai.

84.

Sobre si próprio

Do meu divino pai recebi o nome, o assento
 e o túmulo. Amigo: recorda Gregório,
 o Gregório que Cristo deu a sua mãe, dádiva celeste,
 em visões noturnas, e a quem deu o amor da sabedoria.

³³ Gregório insiste, a cada passo, na conservação da sua virgindade.

³⁴ Irmão de Moisés, primeiro sumo-sacerdote dos Hebreus.

85.

[Sobre o irmão Cesário]

Cruel é este túmulo! Não podia eu jamais pensar
que cobriria os últimos em primeiro lugar!
O certo é que recebeu Cesário, glorioso filho de seus pais,
antes dos seus antepassados. Que justiça esta!

85b.

Iambos para o mesmo Cesário

O túmulo não tem culpa – Não o censureis!
Isto é obra da inveja. Como suportaria ela
ver um jovem mais sábio que os anciãos?

86.

Elegia para o mesmo Cesário

Gregório! Um filho eminente entre os mortais te coube,
pela beleza, sabedoria e proximidade ao imperador³⁵,
mas de nenhum modo superior à morte inexorável.

Bem o via eu chegar! Mas, que proclama o túmulo?
“Coragem! Cesário já morreu, e resta-te apenas a memória
insuperável de um filho, não o teu filho amado.”

³⁵ Cesário fora médico oficial dos imperadores Constâncio II, Juliano e Juviano. Trata-se aqui, porém, de Valêncio (364-378), que o enviara como questor à Bitínia e era ainda imperador à data da sua morte.

87.

Sobre os pais do grande Gregório e sobre Cesário

Estávamos na hora para a tumba, quando aqui colocaram
 esta pedra os pedreiros, por causa da nossa velhice.
 Foi por nós que a puseram, e não é justo que agora
 a suporte Cesário, o último dos nossos filhos.
 Suportámos toda a desgraça, meu filho, filho! Rápido,
 recebe-nos no nosso túmulo, temos pressa.

88.

[Sobre Cesário]

Esta tumba, ergueram-na uns pais para ser a sua tumba,
 crendo que pouco tempo de vida lhes restava.
 Ao filho Cesário, porém, contra a sua vontade triste graça
 concederam, já que antes abandonou esta vida.

89.

Sobre o mesmo Cesário, de seus pais

A minha velhice tardou na terra; e em vez de teu pai
 ocupas esta tumba, queridíssimo filho, Cesário!
 Que lei? Que justiça? Senhor dos mortais, como pudeste?
 Ó vida demasiado longa, ó morte veloz!

90.

Sobre o mesmo Cesário

Não me agrada, não me agrada esta oferenda! Um túmulo

foi quanto recebeste das nossas possessões, Cesário,
a pedra amarga de teus velhos pais. A Inveja assim o quis.

Ó vida, demasiado longa pelas nossas dores!

91.

Sobre o mesmo, semelhante; encómio

Cesário, que toda a ciência da fina inteligência entre os mortais,
tudo de geometria, a posição dos corpos celestes,
mas também os combates na arte da lógica, a gramática,
a medicina e a força da retórica
em seu espírito alado sozinho abarcou,
é agora, como os demais – ai! – um punhado de cinza.

92.

Sobre o mesmo

Tudo deixaste para teus irmãos, e em troca de tudo
tens só este pequeno túmulo, ilustre Cesário!
A geometria e as estrelas, cujas posições conhecias,
a própria medicina, não remediaram a morte.

93.

Sobre o mesmo

Tu que eras belo, e cuja glória ao longe se estendia,
Cesário, o que ostentando a palma da ciência

da pátria enviámos ao imperador como melhor médico,
ai!, em cinza te recebemos da planície da Bitínia.³⁶

94.

Sobre o mesmo

Escapaste à terrível ameaça do terramoto cruento,³⁷
quando a cidade de Niceia foi arrasada;
mas por doença cruel deixaste a vida. Ai da tua prudente
juventude, ai da tua sabedoria, nobre Cesário!

95.

Sobre o mesmo

O admirável filho de Gregório e da divina Nona eu guardo,
esta tumba, o bem-nascido Cesário,
notável entre os sábios, eminente na corte do Imperador,
relâmpago que brilha até aos confins da terra.

96.

Sobre o mesmo

Quando Cesário morreu, entristeceram-se as cortes
imperiais e a Capadócia inteira curvou a cabeça.
Se algum bem restava entre os mortais, agora já se foi,
e as palavras, cobriu-as a sombra do silêncio.

³⁶ Cesário morreu em missão diplomática oficial. Vd. núm. 8.86.2, com nota.

³⁷ Ocorreu no ano 368.

97.

Sobre o mesmo

Se o pranto volveu um em árvore e outro em pedra³⁸,
se uma fonte³⁹ correu por algum lamento,
pedras, rios e árvores chorosas se teriam tornado
todos os vizinhos e amigos de Cesário!
Cesário, amado por todos, orgulho dos imperadores,
– ai dor das dores! – já partiu para o Hades.

98.

Sobre o mesmo

Eis a mão de Gregório! Chorando o melhor dos irmãos,
anuncio aos mortais quão odiosa é esta vida.
Quem igualava Cesário em beleza? Quem, entre todos,
como ele foi glorioso por tamanha sabedoria?
Nenhum dos mortais. Mas ele já se evoluiu desta vida,
como a cor se vai das rosas ou o orvalho das folhas.

99.

[Sobre os seus pais]

Vizinhos Mártires! Sede complacentes e recebei
em vosso regaço o sangue de Gregório,

³⁸ O poeta desmonta exemplos da mitologia pagã. No caso, parece aludir às irmãs de Faetonte (as Heliades), transformadas em choupos quando choravam a morte do irmão, e de seguida a Níobe, petrificada tal a dor pela morte da sua vasta descendência às mãos de Apolo e Ártemis.

³⁹ Foram transformadas em fonte, entre outras figuras, Calíroo e Egéria.

de Gregório e da gloriosa Nona, na sua piedade
e na sua santa sepultura reunidos num só.

100.

Sobre o mesmo [Cesário] e sobre Filágrio

Escuta, Alexandria! Filágrio⁴⁰ perdeu a sua beleza,
em nada inferior à inteligência da sua alma,
e Cesário, jovem ainda, a Inveja o levou. Nunca mais
enviarás tais flores à Capadócia de belos cavalos.

101.

Sobre Gorgónia, sua irmã

Eu, a filha amada de Gregório e Nona, aqui repouso,
Gorgónia, uma iniciada da vida celestial.

102.

Sobre Gorgónia, sua irmã

Nada deixou Gorgónia na terra, os seus ossos apenas;
tudo levou para o céu, ó Mártires vitoriosos.

103.

Sobre Alípio, marido dela

Seus bens, sua carne, seus ossos e tudo o resto oferecendo

⁴⁰ Companheiro de estudos de Cesário e, como ele, alto funcionário imperial. Terá sobrevivido pouco tempo à morte do seu amigo.

a Cristo, Gorgónia deixou apenas o marido;
 o marido, mas por pouco tempo, pois em menos que nada,
 de súbito, levou consigo o ilustre Alípio.
 Abençoado esposo de muito abençoada esposa. Purificados
 vossos pecados pelas águas lustrais, vivi regenerados!

104.

Epitáfio para Martiniano

Se existe um Tântalo sedento entre águas traiçoeiras,
 uma pedra que a sua cabeça sempre ameaça,
 para as aves o festim do fígado imortal de um pecador⁴¹,
 um rio todo de fogo e a treva imortal,
 o Tártaro com seus abismos e demónios selvagens
 e outros castigos infligidos no Hades,
 que todo aquele que ouse ultrajar o ilustre Martiniano⁴²
 profanando o seu túmulo sofra tais horrores.

105.

Sobre os profanadores do túmulo do grande Gregório

Poderias ter montanhas e o mar, insensato; com campos
 ricos em trigo e rebanhos de gado alegrar-te;
 talentos de ouro, moedas de prata, pedras preciosas

⁴¹ O exemplo mítico (pagão) de Prometeu.

⁴² Este Martiniano, assunto dos núms. 8.104 e 8.106-117, era um magistrado (vd. núm. 8.110.1) membro de uma família aristocrata do séc. IV, procônsul em África, e que morreu em 372 – datação relativa para este grupo de epigramas.

e os delicados tecidos entrançados dos Seres⁴³,
 tudo o que a vida tem. Umhas pedras, nada mais, são caras
 aos defuntos. E tu agora aproximadas daqui a tua mão,
 não respeitando sequer, infeliz, o teu túmulo, que alguém
 destruirá, a exemplo de ti, com mãos mais justas⁴⁴.

106.

Sobre Martiniano

Quando Martiniano foi para debaixo da terra, mãe de todos,
 a cidade inteira dos Ausónios⁴⁵ se lamentou;
 toda a Sicília e os limites longínquos da terra
 raparam a cabeça, pois Témis⁴⁶ abandonara os homens.
 Nós, que em vez de ti reverenciamos agora a tua sepultura,
 aos vindouros a daremos como objeto de veneração.

107.

Sobre o mesmo Martiniano

Escutai, vós que levais a Cristo dentro e conheceis as leis
 dos seres efémeros e o respeito devido aos mortos!
 Tudo deixei – imperador, pátria e família – e eu, antes a glória
 dos prefeitos, sou como todos – ai! – um punhado de cinza,

⁴³ A seda (da China).

⁴⁴ Este epigrama e os seguintes, sobre Martiniano (núms. 8.106-117), versam em simultâneo sobre o tema dos núms. 8.170-254, sendo dirigidos aos profanadores de tumbas.

⁴⁵ Designação dos Romanos, no caso significando os habitantes de Constantinopla, a nova Roma.

⁴⁶ A Justiça.

o Martiniano que todos honravam. Por isso, sobre a minha
[tumba
deixai cair as vossas lágrimas, não as vossas mãos!

108.

Sobre o mesmo

O servidor das Musas, orador, juiz, em tudo ilustre
e bem-nascido Martiniano eu, este túmulo, guardo,
o bravo guerreiro dos mares, corajoso também na terra.
Afastai-vos da tumba, antes de sofrer algum mal!

109.

Sobre o mesmo

Não luteis com os mortos; bastam os vivos, criminosos!
Não luteis com os mortos. Eu, Martiniano,
este conselho dou a todos os vivos. Não é de justiça
ter inveja das poucas pedras que têm os mortos.

110.

Sobre o mesmo

Ó Témis, em cujos pratos da balança a tantos pesei!
Ó terríveis flagelos das almas injustas!
Este fulano traz o ferro de dores contra as minhas pedras,
contra mim! Ai, ai, onde está a pedra de Sísifo⁴⁷?

⁴⁷ I.e. caía sobre o profanador a rocha que Sísifo, pela eternidade, tinha que arrastar montanha acima.

111.

Sobre o mesmo

Feliz, bem envelhecido e sem doenças morri, maioral
do Imperador, no topo da santa sabedoria.
Se alguém conhece Martiniano, longe do túmulo!
Não me dirijais as vossas mãos inimigas!

112.

Sobre o mesmo

Vai-te, vai-te para longe! Malvada prova intentas
ao levantar estas pedras e o meu túmulo.
Vai-te! Sou Martiniano; era auxílio para os vivos
e, aqui um cadáver, não é pouco o poder que tenho.

113.

Sobre o mesmo

Grande honra dos Capadócius, muito ilustre Martiniano,
filho de mortais! Veneramos ainda o teu túmulo!
Tu, outrora a honra dos prefeitos na corte do Imperador,
com a tua lança conquistaste a Sicília e a Líbia.

114.

Sobre o mesmo

Juramos, pelo poder de Deus eterno, Senhor dos céus,

pelas almas dos mortos e pela tua cinza, ilustre
Martiniano, jamais tocar com as mãos a tua lápide
ou o teu túmulo! Nunca tocamos no sagrado.

115.

Sobre o mesmo

Roma, os Imperadores e os extremos da terra são para mim,
Martiniano, lápides que o tempo não há de corromper.
Contudo, receio que este pequeno túmulo possa sofrer
algum mal – há muita gente de mãos impuras!

116.

Sobre o mesmo

Eis a sepultura do muito ilustre Martiniano, se ouviste falar
da cabeça dos bem-nascidos Capadócius de Roma,
adornada de todo o tipo de virtudes. Honrando também agora
a sua cinza, reverenciemos a sua lápide e a sua tumba.

117.

Sobre o mesmo

Jamais insultei os mortos nem com material de outros túmulos
ergui sepultura, juro pela justiça e pelos mortos!
Por isso, não aproximes o ferro destas minhas pedras;
se o fizeres, caia ele sobre a tua cabeça!
Sou eu, Martiniano, quem to suplica: se a minha glória
merece algum favor, que o meu túmulo seja eterno.

118.

Sobre Lívía, a esposa de Anfíloco

Um só edifício, mas túmulo em baixo, e uma capela em cima;
 o túmulo dos fundadores, a capela dos vencedores⁴⁸!
 Uns, numa cinza doce foram já totalmente envolvidos,
 como tu, Lívía, abençoada esposa de Anfíloco,
 e tu, Eufémio, o mais ilustre de seus filhos. Acolhei os outros,
 Mártires da verdade, os que continuam vivos.

119.

Sobre a mesma

Devias, Lívía, ter vivido pelos teus filhos queridos;
 devias ter chegado às portas da velhice!
 Mas a Moira venceu-te antes da hora, quando ainda eras bela,
 quando ostentavas ainda as flores da juventude.
 Ai, ai! Anfíloco, o teu esposo, em vez de uma esposa
 nobre e sábia tem agora um triste túmulo!

120.

Sobre a mesma

Ai, ai! Também Lívía a envolveu já a cinza!
 Jamais pensei que ela fosse mortal, ao ver
 a beleza, gentileza e castidade dessa mulher,
 pelas quais a todas do seu género ela vencia.

⁴⁸ Os Mártires (v. 6), literalmente, “vencedores da morte”.

Assim, com tal túmulo te honraram ao morrer
os teus três filhos e o teu esposo Anfíloco.

121.

Sobre Eufémio, o filho de Anfíloco e Lívia

Eram como um casal, e santo, uma só alma, dois corpos,
em tudo irmãos – sangue, glória e sabedoria –
os filhos de Anfíloco, Eufémio e Anfíloco,
para todos os Capadócijs brilhantes astros.
Olhou-os a ambos a terrível Inveja; e arrebatou a vida
a um deles, deixando metade do outro, Anfíloco.

122.

Sobre Eufémio

Orador entre os oradores, poeta entre os poetas,
glória de seu país, glória de seus pais,
Eufémio, mal lhe começava a nascer a barba, mal começava
a atrair amores ao leito, morreu – que desgraça!
Em vez de noiva tem agora apenas um túmulo, e os dias
do himeneu juvenil venceram-nos dias de lamentos.

123.

Sobre o mesmo

Com vinte anos Eufémio, como nenhum outro,
reunia ambas as musas Helena e Ausónia⁴⁹,

⁴⁹ I.e. as culturas grega e romana, podendo a primeira estar pela erudição pagã dos clássicos, e a segunda pelo cristianismo.

e brilhando de caráter e beleza foi para debaixo da terra.

Ai, ai! Veloz destino para os homens de bem!

124.

Sobre o mesmo

Da Idade do Ouro era Eufémio a relíquia

pequena, nobre de caráter e intelecto,

manso, amável, detentor da beleza das Graças!

Por isso tão pouco estive com os mortais.

125.

Sobre o mesmo

Brilhou entre os homens Eufémio, mas por pouco tempo:

tampouco é longo o brilho de um relâmpago!

Mas brilhou pela sua sabedoria, beleza e inteligência de espírito;

o que foi glória da Capadócia, é agora o seu lamento.

126.

Sobre o mesmo

– Quem é este? – Eufémio, filho de Anfíloco, aqui repousa.

– Esse cujo nome está na boca de todos os Capadócijs,

esse que as Graças regalaram às Musas? E os himeneus

que tinha à porta! – Sim, mas a Inveja veio rápido!

127.

Sobre o mesmo

O rebento sem defeito, filho das Musas, primavera dos amigos

e grinalda de ouro das Graças coroadas de violetas,
Eufémio, morreu para os homens, quando sequer o tinha
[tocado,
infeliz, a chama que nos leitos nupciais Eros acende.

128.

Heroicos sobre o mesmo Eufémio

As Graças disseram às Musas: “Que faremos? A obra
de nossas mãos, Eufémio, já não está entre os mortais.”
E as Musas às Graças: “Se a Inveja é assim malvada,
leve ela o presente; nós, selemos o firme juramento
de jamais levantar⁵⁰ tal monumento entre os mortais.”

129.

Sobre o mesmo

Fontes, ribeiras, bosques e pássaros,
belos cantores sobre os ramos,
brisas cujo assobio traz o sono reconfortante,
jardins onde se reúnem as Graças,
chorai! Ó queridos Eufemiades⁵¹! Já morto,
Eufémio por seu nome vos glorifica.

⁵⁰ É óbvia a metáfora arquitetônica. Musas e Graças acordam não mais construir nenhum templo da beleza entre os mortais, imagem de Eufémio.

⁵¹ A família do defunto.

130.

Sobre o mesmo

Belo entre os jovens era Eufémio, se jamais o foi alguém!
 Belo lugar entre todos os lugares é este Elísio⁵²:
 por isso em um se juntaram – pois ele deixou a vida,
 como deixou o nome neste lugar sagrado.

131.

Sobre Anfíloco

Chegou também o corpo de Anfíloco a este grande túmulo,
 mas a sua alma voou e foi morar com os beatos.
 Para teus parentes tinhas tudo, abençoado: os livros todos
 tinhas aberto, os dos mortais e os que vêm do Céu.
 Já velho desceste à terra amada; filhos melhores que seus pais
 os que deixaste – melhor sorte não cabe aos mortais!

132.

Sobre o mesmo

Feliz, junto da esposa e do filho confiou seu corpo
 Anfíloco, que de velhice brilhante disfrutara,
 rico, nobre, poderoso com as palavras, de todos o sustém,
 dos próximos, nobres, bem-nascidos e eloquentes,
 incomparável mestre da palavra. Eis aqui, meu caro,
 a inscrição tumular dos teus companheiros.

⁵² Nome do edifício onde fora sepultado.

133.

Sobre o mesmo

Abençoado, remédio universal da miséria, palavras
aladas e fonte que para todos jorrava água,
tudo abandonaste ante o último sopro! Só, seguiu-te,
ao evolares-te daqui a glória sempre em flor.
Eu, Gregório, isto escrevi, palavra de agradecimento
pela palavra de ti aprendida, Anfíloco.

134.

Outra elegia sobre Anfíloco

Anfíloco morreu! Foi-se o bem que poderia existir
entre os homens, a força da eloquência
e as Graças com as Musas mescladas. Longo tempo,
porém, te chorou a pátria amada dos Diocesareanos⁵³.

135.

Sobre o mesmo Anfíl[oco]

Sou cidade pequena, mas um grande homem dei
aos passos da Justiça, eu, Diocesareia:
Anfíloco. Ao morrer, com ele morreu a retórica inflamada
e a glória toda de uma pátria de nobres filhos.

⁵³ Pequena cidade da Capadócia, vizinha a Nazianzo.

136.

Sobre o mesmo

O que contra os adversários usava de eloquência inflamada,
cujo caráter e intelecto eram mais doces que o mel,
Anfiloco, eu, um punhado de cinza, o cubro, longe de casa,
esse importante filho de Filtácio e Gorgónia.

137.

Sobre o mesmo

Oradores, podeis falar! Os lábios fechados pelo silêncio
do grande Anfiloco, eu, este túmulo, cubro.

138.

[Sobre o mesmo]

Eis a tumba de Anfiloco de doce coração, que pela eloquência
e pela inteligência antes vencia todos os Capadócijs.

139.

Sobre Nicomedes

Partiste, Nicomedes, glória minha! O puro casal,
os teus filhos, como levarão eles a vida?
Que braço porá agora ordem na tua igreja magnífica?
Que coração a Deus fará oblação perfeita,

se tu, abençoado, te apressaste a juntar-te aos celestes?
Raça desgraçada dos mortais, que mal sofreste!

140.

Sobre o mesmo

Contempla o túmulo de Nicomedes, se dele ouviste falar,
ele que, tendo erguido uma grande igreja a Cristo,
em pessoa a consagrou, dando-lhe depois como oferenda
pura e gloriosa a castidade de seus filhos,
o mais precioso que possuía, sacerdote e pai excelente.
Por isso rápido partiu para a santa Trindade.

141.

Sobre o mesmo

Já tarde atingiste a vida gloriosa, mas rapidamente
daqui te elevaste. Que tem isso de justo?
Foi Cristo Senhor, Nicomedes, para que, das alturas,
o teu povo e o teu par santo de filhos guies.

142.

Sobre Cartério, amigo do grande Gregório

Como, deixando-me na terra com tantas penas, foste tu partir
tão depressa, melhor dos amigos, ilustre Cartério?
Porquê, tu que tiveste nas mãos o mando da minha juventude,
quando em terra estranha estava a compor versos,
tu que me fizeste viver uma vida imaterial? Está bem claro!
Cristo Senhor era o que mais amavas, e agora o tens.

143.

Sobre o mesmo

Relâmpago muito ilustre de Cristo, melhor baluarte
 dos jovens, guia da nossa vida,
 lembra-te de Gregório, o que moldaste aos honestos modos
 há muito tempo, Cartério, mestre da virtude!

144.

Sobre o mesmo

Ó fontes de lágrimas, joelhos, mãos de Cartério
 que agraciavam Cristo com os sacrifícios
 mais puros, como foi ele morrer como qualquer mortal?
 É que o coro que há nas alturas quis um poeta.

145.

Sobre o mesmo

Ergueste-me, Nicomedes, o coração! Porque cedo
 levaste Cartério, companheiro na piedade.

146.

[Sobre o mesmo]

Ó chão sagrado da divina Xoles⁵⁴, que semelhante cajado
 dos Cristãos, Cartério, deténs nas tuas entranhas.

⁵⁴ Terra não identificável da Capadócia, de onde são naturais as protagonistas do núm. 8.150.

147.

Sobre Basso, assassinado por ladrões

Querido Basso, ilustre amado de Cristo entre os demais,
longe da tua pátria sucumbiste às mãos de um ladrão,
e não te cobre agora o túmulo paterno. Mesmo assim,
entre todos os Capadóciós deixaste o teu grande nome,
e as colunas onde teu nome está inscrito superam as sólidas⁵⁵.
Este é o memorial que te fez Gregório, o que tu amavas.

148.

Sobre o mesmo

Repousando no seio de Abraão recebe agora, ó Basso,
o que de verdade é teu filho no espírito, Cartério!
Por mim, mesmo que o túmulo cubra também teu pai,
jamais me afastarei da vossa amizade.

149.

Sobre Filtácio

O jovem e grande organizador de um povo
eu, terra sagrada, cubro – o corpo de Filtácio.

150.

Sobre Eusébia e Basilissa

Eusebinha e Basilissa, muito ilustres, aqui repousam,

⁵⁵ I.e. as colunas do papiro, a palavra escrita face à durabilidade da pedra.

as filhas da santa e cristã Xocles,
 como o corpo santo da sagrada Nona⁵⁶. Tu que passas
 por estes túmulos, recorda almas superiores!

151.

Sobre os irmãos Heládio⁵⁷ e Eulálio

Sempre o teu espírito estava no céu, e nesta terra
 não puseste pé perto do chão, nem um pouco;
 por isso tão rápido deixaste este mundo; e Eulálio,
 teu irmão, venera a tua cinza, Heládio.

152.

Sobre o mesmo [Heládio]

Um jovem, mas grande em Cristo, maduro de intelecto,
 eu, o recinto dos Mártires, guardo – a Heládio.
 Sem indignação: sofreu dor semelhante à que foi a deles,
 extinguindo o ataque do seu invejoso oponente.

153.

Sobre o mesmo

Só um pouco respiraste cá na terra, por necessidade carnal,

⁵⁶ Não se trata da mãe de Gregório, mas talvez de uma das familiares das duas defuntas, morta pela mesma altura (c. 382).

⁵⁷ O lema é errado, pois o epitáfio é apenas sobre Heládio.

mas calhou-te, aí em cima, melhor porção de vida,
Heládio, grande glória de Cristo! E se assim tão depressa
das penas te libertaste, esse o prémio das tuas obras.

154.

Sobre Jorge

Também tu, corpo querido de Jorge, aqui repousas,
tu que tantos santos sacrifícios deste a Cristo!
Junto o corpo da irmã, e a alma, a nobre Basilissa,
que contigo partilha a tumba, como a vida.

155.

Sobre Eupráxio

Eupráxio, o bispo desta sagrada terra,
eu, a nobre terra de Arianzo, oculto,
o amigo de Gregório, da sua idade e par de viagem!
Por isso tem ele tumba aqui ao lado.

156.

Sobre Naucrácio, irmão do Grande Basílio

Certa vez, libertava a rede do fundo de uma rocha
Naucrácio, entre as ondas eriçadas do rio;
mas não a libertou; foi ele apanhado! Como foi a rede
pescar o pescador em vez do peixe, diz-me, ó Verbo!
A Naucrácio, exemplo de vida pura, parece-me a mim
que graça e morte lhe vieram ambas das águas.

157.

Sobre o mesmo

Naucrácio morreu no remoinho do rio invejoso,
 enredado nas malhas da rede profunda;
 para que tu, mortal, conheças as armadilhas desta vida,
 de onde foi levado garanhão de mais alto rango.

158.

Sobre o mesmo

Naucrácio, enredado nas malhas da rede de linho,
 das malhas da vida pela pesca foi libertado.

159.

Sobre Maxêncio

Sou nascido de sangue nobre, nas salas do Imperador
 tive lugar, ergui o sobrolho de vaidade. Tudo joguei fora,
 quando Cristo me chamou, e em muitos caminhos da vida
 apoiei o pé por entre terramotos do desejo, até encontrar
 terra firme. Por Cristo feri meu copo com muitas torturas.
 E agora, feito névoa – eu, Maxêncio – esvoacei para o céu.

160.

Sobre o mesmo Maxêncio

Estremece-me o coração, Maxêncio, de escrever

o teu nome, [tu que percorreste o trilho duro da vida],
deserto, [cheio de escarpas, austero! Não há, meu caro,]
Cristão que da tua tumba se acerque sem tremer.

161.

Sobre Emélia, mãe do santo Basílio

Emélia morreu! Quem diria? Ela, que a tantos
e tão nobres filhos deu a luz da vida,
rapazes e raparigas, casadas umas, solteiras outras.
Tantos e tão nobres filhos, só ela entre os mortais.
Três foram ilustres sacerdotes, outra de um sacerdote
esposa; os outros, pareciam um exército de santos.

162.

Sobre a mesma Emélia

Amirado fiquei por ver a família tão grande e especial
de Emélia, grande tesouro do seu nobre ventre.
Mas quando penso que foi bem de Cristo, sangue piedoso,
ela, Eumélia, isto digo: “Claro, só uma raiz assim!”
Este o prémio sagrado da tua piedade, ó muito nobre criatura,
honra dos teus filhos, o único desejo que tiveste!

163.

Sobre Macrina, irmã do grande Basílio

Eu, esta cinza, cubro a resplandecente Macrina, se acaso dela
ouviste falar, o ilustre primeiro rebento de Emélia.

Ela, que afastou o olhar de todos os homens, está na boca
de todos agora, e à de todos é superior a sua glória.

164.

Sobre Teosébia, irmã de Basílio

Também tu, *Teosébinha*, filha da nobre Emélia,
esposa do grande Gregório⁵⁸, exatamente aqui
desceste à terra sagrada, modelo para as mulheres
piedosas. Da vida oportunamente te libertaste.

165.

Sobre Gregório, irmão de sua mãe

Gregório, o grande sacerdote, sepultou aqui o sobrinho
Gregório⁵⁹, confiando aos puros Mártires
o rapaz, na primeira flor da juventude. E as esperanças
de antes, o cuidado da sua velhice, são apenas pó.

166.

*Sobre os convivas das festas dos Mártires*⁶⁰

Se aos dançarinos agradam as dores do seu martírio⁶¹,

⁵⁸ Outro, que não o poeta ou o seu pai. Houve quem visse aqui Gregório de Nisa, mas nesse caso o termo que traduzimos por “esposa” (*suzygos*) significaria, mais amplamente, “companheira”, “irmã” no caso.

⁵⁹ Ambos Gregórios são desconhecidos.

⁶⁰ Vd. a Introdução.

⁶¹ Com este desvio pela repetição da palavra *martírio*, para significar “provas atléticas”, buscámos dar em tradução um correspondente estilístico ao grego *athlemata/athletophorois*, significando o último os Mártires, frequentemente ditos, à letra, “vencedores (da morte)”.

aos mártires há de agradar a luxúria – nada mais distinto!
Mas se o martírio não agrada aos dançarinos nem a luxúria
aos Mártires, porque trazes de presente aos Mártires
prata, vinho, comida e arrotos? Pode lá ser justo encher
a pança, quando se é o mais injusto dos homens?

167.

Sobre os mesmos

“Mártires, dissei-nos se de verdade apreciais as festas!?”
– Claro, que há de melhor? – Em troca do quê?
– Da virtude! Muitos seriam melhores pessoas, se acaso
a honrassem. – Tens razão no que dizes!
Embebedar-se e ser escravo do estômago é coisa alheia!
Aos Santos triunfadores não agrada a dissipação.

168.

Sobre os mesmos

Não mintais, dizendo que os Mártires são lacaios do estômago;
Estas as leis das vossas goelas, meus queridos!
Para honrar os Mártires sei eu de uma lei: afastar a insolência
da alma e consumir a gordura com as lágrimas.

169.

Sobre os mesmos

Sede testemunho, Mártires vitoriosos! Um escândalo
mudar as vossas honrarias, estes glutões!

Não reclamais mesa bem-cheirosa nem cozinheiros;
e eles dão-vos arrotos de presente, não virtude.

170.

Sobre os mesmos e os profanadores de tumbas

Três vezes a morte! Primeiro, porque misturastes corpos de
[impuros
aos dos santos Mártires, cujas tumbas conservam um sacerdote;
segundo, porque impiamente destruístes algumas sepulturas,
vós que tendes monumentos semelhantes, e vendestes outras,
muitas três vezes cada uma. E terceiro, sois culpados de sacrilégio
com os Mártires que eu venero. Vamos, jorrai, fontes de Sodoma!

171.

Sobre os mesmos e os profanadores de tumbas

Filhos dos Cristãos, escutai-me! Não vale de nada a tumba?
Porque ergueis as vossas tão esplendorosamente?
Este respeito a todas é devido, bem como não aproximar
as mãos inimigas das tumbas de estranhos.
Mas se, porque não se dá conta o cadáver, isto fica impune,
convenço-me – desde que ultraje o teu defunto pai.

172.

Sobre os mesmos e os profanadores de tumbas

Destruidores de tumbas, glutões, sacos de arrotos, costas largas!

Até quando os túmulos dos Mártires com despojos
[alheios
honrareis, com piedoso sacrilégio? Controlai a vossa gulodice,
e acreditarei que prestais homenagem aos Mártires.

173.

Sobre os que erguem igrejas com pedras dos túmulos

Honra, para os Mártires, é sempre morrer em vida,
aspirando pelo nobre sangue celestial.
Os túmulos para os mortos. O que para nós erga edifício
à base das pedras alheias, não tenha ele túmulo!

174.

Sobre os convivas das festas dos Mártires

Mártires! O sangue a Deus oferecestes em grande libação,
e em troca de Deus recebeis dons nada menos nobres
– altares, hinos, fiéis, a honra das preces. Evitai os túmulos,
vós que cultuais os mortos, persuadidos pelos Mártires.

175.

*Sobre os mesmos, porque não deve haver convívios nas festas
dos Mártires*

Em honra das divindades celebravam antes os que queriam
obter o favor das divindades, com banquetes impuros.

Nós os Cristãos abolimos o costume, e para os nossos Mártires
 vencedores estabelecemos celebrações espirituais.
 Toma-me agora o espanto; escutai, vós que tanto amais
 [banquetes:
 desertais para os costumes caros a essas divindades.

176.

*Sobre os profanadores de tumbas*⁶²

Não mais o aguçado arado o homem leve ao seio da terra,
 viaje pelo mar ou ostente a lança ameaçadora;
 antes, provido de uma pá e espírito selvagem no coração,
 vá às tumbas dos antepassados em busca de ouro,
 agora que também esta minha muito ilustre sepultura
 um louco a escavou, movido pela avareza.

177.

[Sobre os mesmos]

Eis as sete maravilhas da humanidade: uma muralha, uma estátua,
 jardins, pirâmides, um templo, outra estátua e uma
 [tumba⁶³.
 A oitava era eu próprio, este túmulo que mirava às alturas
 e sobressaía muito além destes rochedos,
 e sou agora o mais celebrado pelos defuntos, assassino,
 graças à ambição dessa tua mão enfurecida.

⁶² O tema exclusivo dos restantes epigramas do livro VIII.

⁶³ As sete maravilhas do mundo antigo: as muralhas da Babilónia (mais frequente é contar o Farol de Alexandria), a estátua de Zeus em Olímpia, os Jardins suspensos da Babilónia, as Pirâmides do Egito, o Templo de Ártemis em Éfeso, o Colosso de Rodes e o Mausoléu.

178.

[Sobre os mesmos]

Fui em tempos tumba indestrutível, massa rochosa
que vencia o cume da montanha e se via ao longe.
Agora, uma besta das minhas destruiu-me pelo ouro.
Sim, fui destruída, e às mãos de um vizinho!

179.

Do mesmo, sobre os profanadores de tumbas

O destruidor de tal túmulo, por todos os lados
cercado por coroa de pedras quadriláteras,
merecia ele próprio ser posto num túmulo assim
e de novo tapar os buracos sobre esse ímpio.

180.

Sobre os mesmos

Uma obra criminosa eu vi, um túmulo profanado, ao viajar;
são essas as obras do ouro traiçoeiro.
Se tens ouro, achaste um problema; e se no final de lá saíste
de mãos vazias, em vão planeaste esta impiedade.

181.

Sobre os mesmos

À vida de tantos mortais sobrevivi, mas não pude

evitar as mãos destruidoras de um vizinho
 que me derrubou, alto que era, ele de aspeto orgulhoso,
 não temente a Deus nem ao respeito com os mortos.

182.

Sobre os mesmos

Do criminoso destruidor de túmulos fugi todos!
 Vede a torre que derrubou, e facilmente.
 Não, não foi fácil derrubá-la. Vamos, retirai-vos
 para longe dele – assim honraremos os mortos.

183.

Sobre os mesmos

Ai, como algum mal previa já que se aproximava
 sobre os profanadores de tumbas e os vizinhos,
 pela destruição deste túmulo excelso! O criminoso,
 conhece-o a justiça; a nós, resta chorar os mortos.

184.

Sobre os mesmos

A tumba de Mausolo é enorme, mas venerada
 entre os Cários⁶⁴; não existe aí mão profanadora.

⁶⁴ Uma das sete maravilhas do mundo Antigo, erguida entre 353 e 350 a.C. em Halicarnasso (atual Bodrum, Turquia) para Mausolo, um sátrapa do Império Aqueménida, e Artemísia II de Cária, sua irmã e esposa. Teria 45 metros de altura

Eu, dos mais eminentes entre os Capadócius, bem viste
o que sofri. Grava na estela o nome do assassino de mortos!

185.

Sobre os mesmos

Um muro que se apoia em contrafortes e depois, na vertical,
cada lado dos flancos que se une um com outro,
um túmulo eu era, e acima só o topo do monte. E de que valeu?
De nada para os ávidos de ouro, que de todo me destruíram.

186.

Sobre os mesmos

Mortas estejam as tumbas dos mortos! E que quem levante
poeira na sepultura magnificente sofra igual sorte!
Pois este homem não teria profanado a minha tumba,
se não esperasse conseguir ouro dos cadáveres.

187.

Sobre os mesmos

Quem é, filho de quem? Não dirá a estela; morreu antes do
[túmulo.
Qual a data? Este é túmulo de um trabalhador já antigo.
Quem te matou? Diz, que isto é crime. – As mãos criminosas
de um vizinho. – Para levar o quê? – Ouro. – Trevas ache!

188.

Sobre os mesmos

Tu, que do meu túmulo te aproximas, sabe que sofri
 injustamente às mãos do meu novo herdeiro;
 não tinha ouro nem prata, mas parecia que os tinha,
 tal a beleza com que brilhavam meus flancos.

189.

Sobre os mesmos

Parai ao meu lado e chorai ao ver este monumento de um morto,
 se alguma vez existiu, agora a tumba de um homem malfeitor.
 Sou a razão para que nenhum outro homem erga outra tumba.
 De que serve, se por mãos ávidas de ouro há de ser destruída?

190.

Sobre os mesmos

Eternidade, ferrolhos da morte tenebrosa,
 abismos do tenebroso olvido e vós, defuntos!
 Como ousou alguém aproximar as mãos do meu túmulo?
 Como? Já nem a lei divina respeita os mortos!

191.

Sobre os mesmos

Fui ferido por golpes vergonhosos, eu, este túmulo,

ferido, como um homem em sinistro combate.
Eis o que agrada aos mortais, e que criminosa a razão!
Eu que só tenho um cadáver, sou varrido por ouro.

192.

Sobre os mesmos

Por Deus hospitaleiro te suplico, tu que passas
pelo meu túmulo, que isto digas: “Sofras tu o que
[causaste!”
– Não sei que cadáver tem este túmulo; mas isso direi,
banhado em lágrimas: “Sofras tu o que causaste!”

193.

Sobre os mesmos

Tudo deixaste, os abismos da terra e os limites do mar,
e vieste em busca do ouro que tem o meu cadáver.
Só tenho o cadáver e a cólera de um morto; quem venha,
se desejar estas coisas, de bom grado lhas darei.

194.

Sobre os mesmos

Se te tivesse dado o ouro pessoalmente, não terias guardado
o que recebeste, sob pena de seres grande malvado?
Mas se profanas uma tumba, um depósito sagrado,
tudo pelo ouro, diz-me, que mereces tu?

195.

Sobre os mesmos

Os vivos há que enterrar; porquê enterrar os mortos?
Merecem a tumba os que assim te permitiram viver,
tu que ofendes os que partiram e tanto amas o ouro.

196.

Sobre os mesmos

Tu, desgraçado, ousarás receber nas tuas mãos o pão
sagrado, ou invocar a Deus, com essas mãos
com que profanaste a minha tumba? De nada serve
ser justo, caso escapes à balança da Justiça.

197.

Sobre os mesmos

Diz a Justiça: “Que esperança há para um morto se tu,
terra querida, destruístes o que ao teu seio confiei?
– Não foi a terra que me demoliu; um insensato me destruiu,
tudo pela sua avareza. Eu cá, ainda o guardo.

198.

Sobre os mesmos

Antes eram ambos invioláveis, Deus e um morto. Deus
é piedoso; já o morto, o profanador de tumbas o verá.

199.

[Sobre os mesmos]

Sim, as Erínias hão de perseguir-te! Quanto a mim,
chorarei os defuntos, chorarei o sacrilégio da tua mão.

200.

Sobre os mesmos

Deixai, construtores de tumbas, de nas profundezas da terra
ocultar os defuntos! Deixai passo aos profanadores!
A culpa é dos mortos, que em busca de uma mão ávida
de ouro constroem semelhantes monumentos.

201.

Sobre os mesmos

Quem te mandou, avarento, cometer tamanho crime
por proveito tão pequeno, e que nem existe?

202.

Sobre os mesmos

Estelas e túmulos, adeus, adeus monumentos dos mortos!
Não mais proclamarei que há mortos nos túmulos,
agora que um vizinho destruiu a minha [tumba] excelsa.
Terra amada: peço-te só que acolhas os mortos.

203.

Para os mesmos

Estelas, túmulos imensos nas montanhas, trabalho
de gigantes, memória imortal dos defuntos!
Um sismo vos destrua a todas, para bem dos meus mortos,
atacados por mão assassina armada de ferro.

204.

Para os mesmos

Quando, feroz Titã, o célebre túmulo na montanha
destruíste? Como, olhando para os cadáveres,
olhando-os, como ousaste levar a mão aos ossos? Por certo
te reteriam lá, se fosse de lei partilhar sepultura.

205.

Para os mesmos

Túmulos, cinzas, ossadas e vós, espíritos familiares
que habitais esta colina do defunto,
castigai este criminoso que agora vos profanou.
Como choram por vós os vizinhos!

206.

[Para os mesmos]

Tumbas, torres, montanhas e vós, gente que passa,

chorai o meu túmulo, chorai o profanador!
E que o eco, que repete as últimas palavras, grite
do alto dos rochedos vizinhos: “chorai o profanador!”

207.

Sobre os mesmos

Matai e pilhai homens malvados, amantes do lucro malvado!
Ninguém porá entrave ao vosso amor pela riqueza,
se ousaste, malfeitor, por causa do ouro mau-conselheiro,
tocar com a tua mão avarenta estes túmulos.

208.

Sobre os mesmos

Este profanou o meu querido túmulo com vã esperança,
a única riqueza que levei comigo ao partir.
Possam as mãos de outro criminoso destruí-lo também,
e arrojá-lo longe do túmulo de seus pais.

209.

Sobre os mesmos

Quem saqueou a minha tumba querida, que tão alto
se erguia a par do cume desta montanha?
O ouro afia a espada contra os homens; o ouro destrói
o nauta ambicioso nas ondas que o vento açoita.

Também eu, este túmulo ilustre, pela esperança do ouro
fui destruído. Para os injustos, o ouro tudo secunda.

210.

Sobre os mesmos

Muitas vezes o caminhante enterrou o corpo do marinheiro
achado nas ondas, muitas vezes uma vítima das feras;
e, na guerra, aquele que matou. Mas a mim, um vizinho
me saqueou o túmulo, erguido por mãos estrangeiras.

211.

Sobre os mesmos

Pérfido ouro, que grande mal és para os mortais!
Contra vivos e mortos ergues a mão dos injustos.
Aos que confiei a guarda do meu túmulo e dos meus ossos,
foi às suas mãos malditas que fui destruído.

212.

Sobre os mesmos

Tudo está morto para os mortos. Para quê enganar-nos?
Não há respeito pelos mortos entre os vivos. Vede esta
[tumba,
que a ânsia de ouro deitou a perder, maravilha imensa
para os viajantes, maravilha para os vizinhos.

213.

Sobre os mesmos

Suplico-vos: quando morrer, ao rio ou aos cães lança
meu corpo, ou arda no fogo que tudo devora.
Melhor isso que perecer às mãos dos amantes de ouro.
Tenho medo, ao ver o que sofreu esta tumba.

214.

Sobre os mesmos

O rei Ciro, certa vez que abriu um túmulo real⁶⁵
em busca de ouro, só estas palavras achou:
“Abrir tumbas é coisa de mão ambiciosa.” Homem:
com que mãos sacrílegas abriste tal sepultura!

215.

Sobre os mesmos

O que é mau para os que ainda não morreram pode ser
[auxílio dos mortos;
mas se o não é para os mortos, não será para os que não
[morreram ainda.
Da mesma maneira tu, que devastaste a tumba dos mortos,
jamais estenderás mão piedosa aos que não morreram.

⁶⁵ Parece haver confusão, do poeta como do lematista, pois que as fontes transmitem um episódio em que o túmulo do próprio Ciro foi aberto por Alexandre, na expedição à Macedónia.

216.

Para os mesmos

– Juro, nada tenho! Sou um pobre morto que aqui repouso.
 Não me ultrajes com tuas mãos profanadoras de túmulos!
 – Esta tumba não tinha nenhum ouro, e foi saqueada;
 tudo está à mão dos amantes de ouro. Vai-te, Justiça!

217.

Para os mesmos

“Ajudai-nos”, gritaram aos mortos os túmulos todos,
 quando o saqueador arrasou esta tumba.
 E os mortos às tumbas: “Que faremos? De novo a Justiça,
 como no sacrifício dos bois⁶⁶, voou e deixou a terra.

218.

Semelhante

Desceu um ao Hades⁶⁷, o outro ganhou asas⁶⁸, outro matou
 feras⁶⁹ e outro fez a[o filho] uma casa entrançada⁷⁰.
 Mas este fulano fez obra em nada inferior às demais,
 destruindo esta tumba com mãos sacrílegas.

⁶⁶ Episódio mítico da Idade do Bronze, quando pela primeira vez se teriam comido animais de trabalho.

⁶⁷ Orfeu (ou Teseu).

⁶⁸ Dédalo.

⁶⁹ Hércules.

⁷⁰ Referente não identificado com segurança.

219.

Para os mesmos

Se tal obra ergueste para um defunto, nada demais!
Mas se a destruístes, serás celebrado pelos vindouros,
e havemos de contar-te entre os piores criminosos,
por devastar um túmulo, temido até pelos assassinos.

220.

Para os mesmos

Choveu ouro sobre os Ródios⁷¹. A ti, leva-te o ouro
o ferro, ele que traz consigo a desgraça.
Escava, escava-as todas! Talvez uma tumba,
caindo-te em cima, te destrua e assim ajude os mortos.

221.

Sobre os mesmos. Semelhante

Era um túmulo. Sou agora um monte de pedras, não mais
[um túmulo.
Este foi o gozo dos que amam o ouro – vede que justiça!

⁷¹ Píndaro, a propósito da riqueza proverbial dos Ródios, dizia que sobre eles tinha caído uma chuva de ouro (*Olimpicas* 7.49, 89 ss.).

222.

Para os mesmos

Ai, ai! Fui reduzido a cinzas e às mãos dos criminosos
não logrei escapar! Há lá coisa pior que o ouro?

223.

Contra os profanadores de tumbas

Envergonha-me a raça humana, se alguém ousou,
túmulo, derrubar-te ao chão com mãos sacrílegas.

224.

[Para os mesmos]

Era um túmulo, uma torre sobre a montanha. Umhas mãos
agora me nivelaram com o chão. Que lei o ordenou?

225.

Sobre os mesmos

Esta era a minha casa depois de morto; mas o ferro
atacou o meu túmulo. Ataque outro a tua casa!

226.

[Sobre os mesmos]

Leva a enxada para os campos, e sobre a minha sepultura
lança lágrimas, não as mãos. Essa a lei dos mortos.

227.

Sobre os mesmos

Leva a enxada para os campos; e afasta-te do meu túmulo,
afasta-te! Nada tenho além de defuntos irados!

228.

Sobre os mesmos

Se esperasse, seu voraz, um destruidor de tumbas assim,
aqui penderiam uma estaca e uma roda⁷².

229.

Sobre os mesmos

Porque revolves o meu túmulo vazio? Apenas ossos
e cinza escondo para os que me atacam.

230.

Sobre os mesmos

Sou um túmulo, mais alto que outros túmulos. Mas abriu-me,
como um entre tantos, uma mão assassina.

Uma mão assassina me destruiu. Deixai-vos de túmulos,
mortais, e funerais! Aproximai-vos dos corpos, cães!
Aproximai-vos dos corpos, cães! Os homens amantes de ouro
buscam ouro agora também na cinza dos mortos.

⁷² Instrumentos de suplício típicos na Alta Idade Média.

231.

Sobre os mesmos

Um outro ergueu o túmulo que tu destruístes. Outro erguerá
a tua tumba e, permita-o a Justiça, outro a destruirá.

232.

[Sobre os mesmos]

Agora, os amantes do ouro atacam também os mortos.
Fugi dos vossos túmulos, defuntos, se tendes força!

233.

Sobre os mesmos

Porque me profanas? As cabeças sem força dos mortos
são tudo o que tenho. Ossos são a única riqueza dos
[túmulos.

234.

Sobre os mesmos

Foge dos espíritos⁷³ que me sustentam! Sou um túmulo
que nada tem. Ossos são a única riqueza dos túmulos.

⁷³ Poderia tratar-se das estátuas dos anjos que sustentam a cúpula do túmulo.

235.

Sobre os mesmos

Fosse este túmulo morada toda em ouro, amante do ouro,
e nem assim seria justo meter a mão nos defuntos.

236.

[Sobre os mesmos]

Olvido e silêncio – privilégio dos mortos. O que me saqueou,
esse, tornou a minha tumba tema da canção de muitos.

237.

Semelhante

Vós tendes tudo, vivos! Eu, o morto, um punhado de pedras
que me são caras, não mais. Poupa-te, quando cadáver.

238.

Para os mesmos

Não sou morada de ouro. Porque estou partido? Só um túmulo
sou, o que tu revolves. A minha riqueza, os corpos.

239.

Semelhante

Eu, este túmulo, era a glória das gentes vizinhas.
Agora, sou só a estela de mão tão sacrílega.

240.

Sobre os mesmos

Se tens mão muito dada ao ouro, busca noutro lugar
esse ouro. Nada tenho além de mortos enterrados.

241.

Semelhante

Não mostres aos mortais um cadáver nu, ou há de despir-te
outro! O ouro, muitas vezes, é só uma quimera.

242.

Sobre os mesmos

Já não basta que os mortais lancem mão aos mortais,
e agora buscais conseguir ouro dos cadáveres?

243.

Semelhante

Vinde socorrer vossas tumbas, vós que vedes tal monumento
ser dilacerado. Apedrejai o profanador de tumbas!

244.

Sobre os mesmos

A mim, um pobre cadáver pela eternidade escondido
sob pedras imóveis, quem me mostrou aos mortais?

245.

Semelhante

Porque foste saquear a minha tumba, desgraçado? Que Deus
assim saqueie a tua vida, maldito amante do ouro!

246.

Sobre os mesmos

O Tártaro não passava de um mito, ou não teria aberto
este homem a tumba. Ai, Justiça, que pés lentos!

247.

Semelhante

Como tens pés lentos, Justiça, e o Tártaro já não dá medo!
De contrário, não teria este homem aberto a tumba!

248.

Sobre os mesmos

Jurei pelos defuntos, jurei pelo mesmíssimo Tártaro,
jamais lançar mirada amiga aos profanadores de tumbas!

249.

Semelhante

Montanhas e colinas, a minha tumba como um companheiro
chorai! Caiam todas as vossas pedras sobre o que a destruiu.

250.

Sobre os mesmos

Sou rico e pobre. Rico por meu túmulo, sem ouro dentro.
Sabe que ultrajas um cadáver sem nada para dar.

251.

Semelhante

Mesmo que fiques a cavar os meus esconderijos até ao fundo,
o esforço te dará tão só ossos como recompensa.

252.

Sobre os mesmos

Escavai, escavai sem parar! O túmulo é rico em ouro,
mas apenas se buscais pedras. Tudo o resto é pó.

253.

Semelhante

Terra querida, nas tuas entranhas não recebas, ao morrer,
quem saca proveitos de profanar túmulos!

254.

Semelhante

O ferro profanador veio contra mim, quando já não vivia;
buscava ouro, mas só encontrou um pobre cadáver.

ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS

(LIVRO I)

Agátias, o Escolasta (c. 536-582)	34-36
Claudiano (de Alexandria; séc. V-VI)	19-20
Eufemo [ou Eufémio] (?)	119
Jorge de Pisídia (séc. VI)	120-121
Gregório de Nazianzo (329-389)	51, 92
Inácio, o Gramático (c. 780-850)	109
Marino (séc. VI)	23, 28
Menandro, o Protetor (séc. VI)	101
Miguel, o Arquivista (séc. X)	122
Nilo, o Escolasta (sécs. IV-V)	33
Sofrónio de Damascos (séc. VII)	90, 123

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII).* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).

Neste volume se reúnem os dois livros de epigramas compostos exclusivamente por autores cristãos sobre temas, episódios e figuras daquela que, a partir do século IV, foi oficialmente reconhecida como a nova religião do Império. A encabeçar a *Antologia*, o livro I inclui 123 peças ditas “piedosas e divinas”, maioritariamente de poetas anónimos: dedicatórias de monumentos, invocações a Cristo ou à Virgem, epigramas ecfrásticos e peças de géneros diversos. Por sua vez, o livro VIII oferece uma recolha de 254 epigramas fúnebres de Gregório de Nazianzo, um dos Padres da Igreja (Capadócia, 329-389), das quais apenas 158 são formalmente epitáfios. As restantes, subordinadas ao tema unitário da morte, têm a forma de orações de defuntos pelos parentes vivos, autorreflexões breves do autor e, a fechar o livro, a extensa série dos epigramas (mais de 40) contra os profanadores de tumbas.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

UNIVERSIDADE D
COIMBRA



IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS